

O QUINQUAGENARIO DO INSTITUTO

Em commemoração á sua data quinquagenaria, o INSTITUTO DO CEARÁ promoveu a realização de um Congresso Regional de Historia e Geographia, cuja abertura se effectuou na sessão de 28 do mês que acaba de transcorrer e o qual obteve o mais completo exito, á vista do numero e do valor das theses apresentadas, algumas das quaes saem impressas neste volume. A sessão inaugural teve a presidencia do Exmo. Sr. Barão de Studart, presidente perpetuo; as seguintes, realizadas a 1.º, 2 e 3, a do Sr. Des. Alvaro Gurgel de Alencar, vice-presidente, e, a final, a de hoje, em que se encerrou o Congresso e as festas commemorativas, a do Exmo. Sr. Dr. Meneses Pimentel, governador do Estado, a quem o Sr. Presidente Perpetuo convidou para dirigir os trabalhos. Damos, em seguida, as allocuções, discursos e conferencias que se proferiram nas cinco sessões, fazendo a summula do que disseram os Srs. Barão de Studart e Dr. Djacir Meneses, que falaram de improviso. Publicamos, igualmente, o que se disse na Assembléa Legislativa, na sessão de ontem, em que falou brilhantemente o Sr. deputado Dario Correia Lima, discurso que fizemos estenographar para este numero da «Revista».

* * *

Sessão de 28 de Fevereiro

BARÃO DE STUDART

—S. Excia., abrindo a sessão inaugural, começou por dizer que ali estava por que tinha, antes de tudo, o mais ardente desejo de prestar uma homenagem de admiração e saudade aos queridos companheiros desaparecidos na longa e indefessa caminhada, que

encetara moço, cheio de ardor e confiança, e que, naquelle momento trepidante de emoções contrarias, o alcançava já meio tropego, quebrantado já ao peso dos annos e dos achaques, mas, a pesar de tão crueis vicissitudes, não desilludido ainda, nem atemorizado, e até feliz, por ver a clara esteira de luz que o Instituto vem deixando atrás de si, na derrota através dos annos. Ansiava por que estivessem ali presentes, em espirito, com o espirito esclarecido e recto que os guiara na terra, para avaliarem e compreenderem o esforço quase sobrehumano que fazia sobre o seu estado de saúde e o seu estado d'alma, a fim de poder, em pessoa, offerter-lhes á memoria impercível os frutos que a «sua sociedade» fez acaso grelar, desenvolver-se e maturar.

Fala em seguida do Congresso que então se abria, mostra-lhe o alto alcance cultural, e faz resaltar o valor da historia e da geographia, principalmente estudadas á luz das idéas modernas, de que se declara adepto convencido.

Terminou por conceder a palavra ao Dr. Andrade Furtado, membro effectivo do Instituto, e pelos seus pares escoihido orador official do dia.—

O CULTO DA TRADIÇÃO

ANDRADE FURTADO

Meus senhores.

A festa espiritual, que aqui estamos celebrando, representa, nestes tempos de tanta injustiça e de tanta irreverencia para com o Passado, uma homenagem ao sentimento de fé na vitalidade e inteireza da raça.

Ha 50 annos, nasceu o Instituto do Ceará, que se nos afigura uma corrente limpida, a reflectir, no liquido cristal, as louçanias e magnificencias do nosso meio intellectivo, opulento, na verdade, em expressões culturaes.

As coisas humanas, no conceito eloquente de

Carlyle, exigem um ideal. Esse ideal é a alma das coisas humanas ..

Neste gremio, a todo o transe se tem querido, durante meio seculo, manter acêso o fogo sagrado dos enthusiasmos sadios pela causa da terra e da gente brasileiras...

A juriscultura de Paulino Nogueira, a illustração de Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, a eloquencia de Antonio Augusto de Vasconcellos, a erudição classica de mons. Bruno de Figueiredo, a meticulosidade investigadora de João Baptista Perdigão de Oliveira, a philantropia abnegada de Antonio Bezerra de Menezes, o polymorphismo scientifico de Julio Cesar da Fonseca, a faceirice literaria e elevação de pensamento de José Sombra passaram por este ambito, enchendo-o de uma excelsitude sublimada, que infunde, ao mesmo passo, respeito, alegria e encanto.

Quando aqui cheguei, senti, na atmospheria deste ambiente, o estimulo e a vibração desses exemplos que o tumulto não extinguiu nem extinguirá jamais.

O homem é immortal! Deus o fez da argila fragil, no plano da sua sabedoria impenetravel... Mas infundiu-lhe o sopro da essencia immorredoura.

Cremos no alcance infinito dos nossos esforços, para perpetuação, através das gerações que se succedem, dos valores reaes da nossa mentalidade e do nosso civismo.

O Instituto do Ceará defende, como seu espolio de honra, o espirito tradicional desta gleba exuberante em possibilidades sem conta, civilizada á luz dos principios de paz do Evangelho.

Pode o Passado apresentar erros e mesmo conter crimes... Mas, na afirmação de um pensador contemporaneo, falhas e delictos praticam-se, não se cultuam. Exalta-se a virtude. Condena-se o vicio.

Vidal de Negreiros desperta applausos pela sua bravura, a repellir o intruso hollandez Mauricio de Nassau. Calabar infunde vergonha e desprezo, pelo acto de ignominia com que se bandeou para o lado do invasor estrangeiro.

O rito de consagração das glorias nacionaes, que se exerce e ministra, neste templo do saber, é, por

ventura o segredo da veneração que desperta a sua brasilidade authentica.

Herdámos dos nossos ancestraes o amor á disciplina. Vibra em nossas veias o rithmo da ordem. A velha latinidade revive, ainda, em nossa admiração á harmonia de formas seculares.

Roma antiga legou-nos o sentido da nossa educação politica e administrativa. A estabilidade do seu Imperio somente veio a ser subvertida pela invasão dos barbaros.

A Igreja manteve, no campo religioso, o equilibrio, que a heresia de Luthero espedaçou, indo encontrar a insubmissão da Reforma toda a resistencia, nos países latinos, como o nosso.

Veio depois, não ha negar, a Revolução... Na França, que é, no criterio de illustre critico moderno, «o fôrno onde se cozinha o pão do pensamento humano», ergueram-se as iras anonymas contra a majestade da Lei.

Charles Maurmas esclarece que o movimento de 1789 foi a desfiguração monstruosa da phisionomia da nacionalidade.

«Les idées de la Révolution dite Française, contre lesquelles toutes nos hautes traditions protestent avec horreur, ont absolument dénaturé le monde latin.»

Reconhece o sociologo actual, deante da evidencia dos factos, que o latino — seja francês, portugûes, italiano, espanhol ou brasileiro, accrescentamos nós — perde, em face daquelle surto de anarchia social, a sua propria razão de ser e o que foi, outr'ora, podemos assim nos expressar, o seu timbre differencial no universo.

Repetindo o que tem sido, já, por tantas autoridades no assumpto doutrinado, o virus revolucionario, em vez de uma diathese do espirito ethnico, vem a ser, precisamente ao contrario, uma negação afron-tosa dos nossos creditos de latinidade.

Sem alicerces, o edificio desaba, como a arvore que tomba, porque lhe definharam as raizes...

Tambem, sem esteio no chão, onde germinou a semente fecunda, caem as instituições mais solidas...

O grande serviço prestado ao nosso meio, por esta corporação insigne, composta de homens de estudo, é vindicar as tradições veneráveis da família patricia, que, nos seus costumes austeros, nas suas preferencias e inclinações naturaes, encontra, sem duvida, a maneira mais edificante e mais digna de ser solidaria com os heróes que arrancaram das selvas primitivas, bravias e agrestes, povoadas de bugres e de feras, esta forte, joven e bella nação catholica.

Este sodalicio bem deve ser apontado, na linguagem de um espirito fulgurante, como uma força geradora do progresso social e, ao mesmo passo, um elemento de conservação, rememorando a sinthese da vida de um povo, uma fonte de esperança, despertando o estimulo para a acção e o empenho para conseguir um futuro cada vez melhor.

Para servir-me da imagem do eminente Eduardo Prado, poderá, quem sabe, apagar-se do coração dos porvindoiros o sentimento da Patria, mas si, dentre elles, surgir, nesta terra, algum psychologo que, com a reverencia devida ás grandes coisas mortas, quizer escrever a historia do patriotismo antochtone, uma pagina, e das mais lindas, será, senhores, em vossa honra!

Atravessamos um seculo de destruição e de ludibrio dos mais altos predicados da vida. Por toda parte, profanam-se as flores da bondade e exaltam-se as degradações do mal.

Nestes tempos de horrendos vituperios, no dominio da verdade, de execráveis covardias, na arena do pensamento, «o principal dever é crer no dever»!

Lembremo-nos da advertencia de um escriptor de nota:—«O dever nunca tem decepções»...

Não nos podemos, de facto, illudir acerca do que nos impõe a consciencia.

Sigamos a sua directriz, que o caminho irá certo...

Ainda que o anti-christianismo dos judeus de Moscou proclame o opposto, são, em todo o ponto, indispensáveis os preceitos moraes á existencia collectiva.

O panorama que se nos antolha, onde quer que impere o despotismo das paixões subalternas, é notoriamente sombrio e alarmante.

Opina Sertillanges que mais vale uma virtude, para os destinos da comunidade, que todas as riquezas materiaes do planeta... Elle tem razão. A idolatria do ouro e do gozo quebranta as energias superiores e atira os individuos, conforme observa Taine, á vala commum da mediocridade e da depravação.

Por isso, os conductores de Estados, em nossos dias, si são intelligentes, não hesitam em fazer instante appello ás potencias espirituaes, afim de se resolverem, satisfatoriamente, as difficuldades economicas.

A um parlamentar lusitano que, tendo em vista a carestia reinante, exclamava da tribuna:—«O que nos falta é dinheiro!»—aparteou o ministro do interior de Portugal, incontinenti:

«Está v. exc. enganado. O que falta é espirito social. Não eramos mais ricos ha seculos, e conseguimos levantar obras materiaes e politicas não excedidas por nenhum outro país da Europa»...

O conselheiro federal da Suissa, sr. Etter, professor de nomeada e applaudido homem de acção, declarava, ainda ha pouco, que estamos assistindo, agora, á contrapartida inevitavel da oppressão dos espiritos pela guerra dos sem Deus.

O que resulta da rebeldia contra o primado da consciencia é o que se vê:—o desprezo do proximo, a sujeição do fraco, a supremacia da força sobre o Direito.

Quem volta os olhos para o quadro tetrico da Espanha sovietizada, percebe que a estrada aberta através das igrejas em chammas e dos conventos arrazados leva, em linha directa, á mais brutal escravização do homem.

Para que tudo aquillo succedesse, foi preciso calcar aos pés, sob o tacão do dictador tartaro, por uma violencia estúpida de methodos asiaticos, as conquistas mais galhardas e mais formosas do genio castelhano.

Aquelle choque social crudelissimo não é o resultado de evolução, mas de convulsão.

* * *

Resaltando esta sociedade, em dez lustros de trabalhos ininterruptos, os feitos e commettimentos dos audazes elaboradores da cohesão nacional, cria uma mentalidade de apreço e de devotamento pela terra amiga, que deu jazigo aos nossos paes e serviu de berço aos nossos filhos.

Desgraçado de quem repudia a idéa bemdita da Patria!

E' um infeliz que, afinal, attenta contra o proprio interesse, desde que, no lucido conceito de alguém, quebra os laços que o unem aos mais semelhantes dos seus semelhantes...

Não é insignificante ter nascido aqui ou além, como accentuou uma voz bem inspirada. O mesmo grão não dá a mesma colheita.

Quem nega a influencia do clima no desenvolvimento organico?

Sob o Cruzeiro do Sul, neste trecho feraz e livre da America, experimenta-se o privilegio de viver em nova e farta Canaan promettida, onde o homem luta, apenas, com a deficiencia de recursos para explorar as largas provisões da natureza.

E' deante da immensidão das selvas equatoriaes da Amazonia, viajando sobre as aguas do Rio-Mar, que se tem a noção proporcional da grandeza phisica do Brasil.

Os habitantes da Terra de Santa Cruz necessitam corresponder, moralmente, ás dimensões deste admiravel país.

E isso se conseguirá, rendendo o tributo consciante de glorificação á memoria dos bravos que penetraram a floresta hostile, indo implantar o marco do progresso, entre as tribus indigenas do Acre longinquo, ou, reagindo contra preconceitos e egoismos injustificaveis, espedaçaram os grilhões do captiveiro,

naquella luminosa campanha pela Redempção dos negros.

São esses inesqueciveis gestos de generosidade sem par que consagram, nos fastos de um povo, a nobreza e a belleza orientadoras das aristocracias, que se formam á custa da propria integridade d'alma.

Quis falar-vos, nesta festa, em que damos inicio ás commemorações do cincoentenario do Instituto do Ceará, do culto á tradição, de que este emerito gremio se ufana de ser guarda vigilante e amavel.

As actividades apprehendidas, em tão consideravel lapso de vida social, têm-nos proporcionado honroso e effectivo intercambio com os centros literarios e scientificos do país e do estrangeiro.

Tornam-se dest'arte conhecidas, fóra dos limites do Estado, as pesquisas e indagações que enaltecem o nome e affirmam o merito deste recanto da Federação.

E' *magna pars* de tudo o que foi realizado, em todo esse periodo, o varão illustre que envelheceu no trato diuturno dos livros e na investigação benedictina dos acontecimentos relacionados com a nossa historia, o sr. dr. Barão de Studart, preciosa reliquia da intellectualidade conterranea.

Fez, em França, recentemente, o academico Luís Bertrand o elogio da velhice. «Nunca experimentei maiores gozos espirituaes, nunca senti a minha intelligencia mais viva, falo, é claro, da intelligencia pura»—declarou aquelle celebrado oraculo do pensamento gaulez.

E accrescentou, satisfeito:—«Creio que com a velhice se depura o gosto, a sensibilidade se afina, ao mesmo tempo que o raciocinio se firma ainda mais. E' certo que verifico que outras faculdades animicas se enfraquecem, como a memoria. Mas para que preoccupar-me com essa quebra? Vejo apenas que a minha memoria precisa de muletas e dou-lh'as. Tomo notas e apontamentos mais amiúde. Mas que vale isso, si o meu espirito se transformou em instrumento de maior sensibilidade, de uma delicadeza, de uma exactidão extremas? O sentimento deste dominio consola-me de todas as perdas».

O que se deu com o immortal Luís Bertrand vemos que se observa com o nosso querido e venerando presidente. No seu posto de commando, nesta casa, mantem a mesma regularidade chronometrica e o mesmo aprumo vertical de sempre, sabendo cultivar a arte de envelhecer com elegancia, tal qual o primoroso collaborador da «Revista dos Dois Mundos».

E' na pessoa do nosso chefe, por todos os titulos merecedora dos louros deste jubileu triumphal, que queremos synthetizar, expressivamente, o exito da victoria, a justo preço alcançada.

O honrado governo do Estado fez bem em dar a significação patriotica que a data de 4 de Março assignala no calendario da Terra da Luz, tornando esse dia feriado, entre nós.

O Instituto do Ceará, no exercicio do seu infatigavel apostolado presente de transferir ao futuro o patrimonio das realizações do passado, contribue, de modo brilhante e meritorio, para que entre os posteros fulgure, em claridade perenne, o brazão symbolico da nossa altivez e fidalguia de origem latina e christã!

PANORAMA ARTÍSTICO NA ÉPOCA COLONIAL

FLORIVAL SERAINE

(Representante da Sociedade Cearense de Geografia e História)

Senhores :

Não podemos falar de um colonialismo como expressão artistica de nosso meio, apresentando sintomas coletivos de uma racialidade brasileira, a não ser depois da segunda metade do seculo dezoito, quando da centralização administrativa no Rio de Janeiro e da imposição do elemento mestiço, fruto do caldeamento étnico.

Por essa época Minas ingressava no esplendor

e a produção de seus veios auríferos, facultando o luxo e a abastança, contribue para a formação de um verdadeiro nucleo de civilização em pleno *hinterland*.

Sejam, contudo, examinadas as primeiras demonstrações de arte no periodo em foco. Devem elas, por certo, respeitar á arquitetura, arte que sintetiza nos povos em formação um reflexo de suas necessidades e que traduzirá o proprio estado do ambiente social.

Mas nos primitivos tempos não accusam indícios de arte as edificações, que revestem um aspecto militar e são ao tempo «pouso e fortim, protegidas por estacas e rodeadas de largos fossos».

Só com o advento das missões religiosas, que edificam singelas ermidas em elevações de terreno, é que se pode referir a uma declaração ainda elementar de gôsto arquitetónico.

E' certo que não cabe aqui generalizar, em se tratando de um povo já entrado na civilização quando transferido para o solo americano, todavia, o conceito de que na religião se acham concentradas as primordiais forças artisticas de um povo, particularizando ao nosso meio, possui um significado, mormente si atentarmos no relêvo que depois assumiu o ambiente religioso, adaptado perfeitamente ao espirito da época, na eclosão e florescimento das artes.

«Sem igreja — considera Ronald de Carvalho — não há vila nem aldeia.

A traça do edificio era a mais primitiva. Compunha-se de quatro paredes lisas, com algumas janelas dos lados, uma porta de boa largura na frente e outra menor, na sacristia, aos fundos. Dentro e fora a brancura da cal, como um véu de incenso, cobria a nudez geometrica dos muros».

A' medida que o luxo vai sendo implantado, as residencias perdem a rusticidade primitiva e em Pernambuco a principio, depois na Baía e em Minas, comecam a surgir habitações dotadas de certo confôrto, denunciando um melhor acabamento.

No século XVII aparecem alguns conventos e matrizes que anunciam já certa amplitude architectonica.

E' então que os arraiaais passam a ser transformados em pequenas cidades e que surgem em nosso meio alguns artistas, saídos talvez da metropole na comitiva dos fidalgos.

Mauricio de Nassau trouxe consigo no século XVII os pintores Franz Post, Zacarias, Vagner e os irmãos Ekhout, cuja vinda ao Brasil tem sido contestada, bem como os arquitetos Pedro Post e Pieter, autor da planta do palacio de Friburgo.

Posto não tenham deixado discipulos, não é para desprezar a influencia que provavelmente exerceram com as suas obras e o seu exemplo.

Não obstante a fama de gosto e magnificencia gerada em torno do periodo das bandeiras, os documentos não são de molde a afirmar a existencia de produções notáveis.

Há, não resta dúvida, muita ostentação de pedrarias, brocados e metais.

Em São Salvador, Recife e Olinda, S. Luiz, São Sebastião, São Paulo e Vila Rica individuos passam a existencia nababescamente, mas o fulgor de sua riqueza se reflete apenas no ornamento pessoal. Interessa-os, mais que tudo, o viver doméstico, e são apenas de salientar o aparato das peças de baixela de prata e o luxo das alfaias e ourivesaria das capelas de certas propriedades rurais.

Os artistas—si é que então existem com as características definidas—são em geral criaturas desprovidas de relêvo social, mestiços, desprestigiados no ambiente faustoso das cidades coloniais.

A arte mesma não representa sinão um officio, sem outro significado que a enalteça.

Houve, contudo, um Vice-rei, D. Luiz Vasconcelos e Sousa, que amparou os seus afeiçoados, encarregando-os de efetuar melhoramentos no Paço, da composição de retratos e painéis decorativos.

Sòmente no século XVIII apontam nucleos de artistas que merecem destaque. São geralmente entalhadores de madeira na Baía, escultores de pedra em Minas.

Como pintores, são citados no fim do século XVII e decorrer do XVIII os nomes de Antonio, Lucinda,

Veronica e Luciana de Sepúlveda, em Pernambuco, familia de que se propala ter recebido a herança de Post, mas sobre a qual nada é permitido assegurar.

A «escola baiana de pintura» é iniciada com José Joaquim da Rocha, autor dos painéis dos tectos da Conceição da Praia, do Rosário, de São Pedro, de São Domingos, da matriz de Santo Amaro, e cujos discipulos foram: Verissimo de Sousa Freitas, Lopes Marques, Antonio Dias, José Teófilo de Jesús e Antonio Joaquim Franco Velasco, que excederam ao mestre em realização artistica.

A «escola fluminense de pintura» surge posteriormente, si bem que frei Ricardo Pilar, o primeiro do grupo de seus componentes, tenha produzido antes de 1700.

A seguir o que informa Gonzaga Duque (1), deve ser considerado cronologicamente o primeiro artista pintor surgido em terras brasileiras.

Natural da Colonia, em Flandres, era beneditino professo no Convento da Ordem existente àquella época no Rio de Janeiro. Deixou alguns painéis inspirados em temas sacros.

O unico quadro de sua autoria que restou até o nosso século foi a imagem de Cristo do altar-mor da capela do mosteiro de São Bento.

José de Oliveira tornou-se mestre dos pintores João de Sousa e João Flôrencio Muzzi. Discipulos de João de Sousa foram Manuel da Cunha, retratista, e o paisagista Joaquim Leandro.

Seguem-se Manuel Dias de Oliveira, o Romano, o primeiro pintor a copiar modelo vivo, e José Leandro de Carvalho.

Isso num periodo anterior a 1816, quando ocorre o advento da missão francesa Lebreton, contratada pelo magnanimo Conde da Barca, cuja estadia em nosso país concorre para a fundação da Escola de Belas-Artes.

Com a transferencia de D. João VI para a colonia,

(1)—Contemporaneos—Gonzaga Duque.

urge sejam preparadas residencias mais vastas e luxuosas, afim de acolher os fidalgos de sua comitiva.

José Leandro tornou-se o pintor escolhido pelos nobres, compondo principalmente retratos.

Há um certo impulso nas belas-artes, recebendo os «mestres» — como se dizia — algum apoio material e a simpatia de figuras dotadas de relêvo social.

Esse é, em linhas gerais, o quadro da arte pictórica no Brasil-colônia e a dedução que se obtém, ao confrontá-lo com o das letras, no mesmo periodo, é de que não merece importancia.

Enquanto a literatura conta com representantes de certo vulto como Claudio Manuel da Costa, Gonzaga, Rocha Pita, Gregorio de Matos, Basilio da Gama, Durão e outros, era ainda de primitividade a nossa feição artistica.

Não acompanhávamos o espirito filosófico do século, caracterizado por um humanismo cristianizado, oriundo da Renascença, ao qual vem por ultimo insuflar o sôpro realista das comunas.

Capistrano de Abreu adapta, não sem motivo, ao fenômeno a lei de Comte a respeito do crescimento das artes.

Coincide de fato com o angulo positivo, isto é, de que «cada arte deve desenvolver-se tanto mais cedo quanto é mais geral», o caso da literatura, a mais geral de todas as artes, ter progredido antes das demais.

Muito justo o reparo de que á pintura e não á arquitetura cabe o ultimo lugar na série estática fundamental.

Examinando a História verifica-se realmente que «antes de existir como arte independente a pintura foi mural, por conseguinte, seu desenvolvimento posterior ao da arquitetura. A estatuária, por sua vez, traduz uma evolução da pintura mural, consequencia dos entalhes, relevos, etc.» (2)

Há, porém, condições especiais á evolução de nosso meio social, que merecem referidas. Seja lem-

(2)—Ensaio e Estudos, 1.a serie—Capistrano de Abreu.

brada a relativa pobreza em que vivia grande parcela da população, preocupada no interior com a mineração e o amanho da terra e no litoral com o comércio e as pequenas indústrias.

Sem as riquezas, que eram escoadas totalmente para a metrópole, como poderiam florescer as belas-artes?

Demais—e isto já muito bem acentuou Ronald de Carvalho (3)—nas artes plásticas «não basta apenas a boa vontade no aprender, mas é mister uma experiência diuturna guiada por profissionais competentes», o que não foi logrado verdadeiramente antes da chegada da missão francesa.

Seria mister a poderosa meditação intuitiva dos gênios para conseguir gerar obras primas com impressões notáveis do ambiente cósmico.

O elemento nativo predominante, o mestiço, não havia alcançado sua normalização, e só depois de realizada esta é que, salientando o seu ramo africano, de apreciável tendência às artes plásticas, começaram a aparecer alguns artistas indicadores de uma novel racialidade.

Pois o elemento português, embora ao seu notável «espírito de progressão», já explicado por uma adaptação da lei biológica de constância vital, seja devida mais que aos outros fatores (fascinação da natureza, o prestígio da terra imensa e poderosa, etc.) a surpreendente unidade política colonial (4), o elemento lusitano não indica, no século XVI, uma preferência acentuada pelo cultivo das artes plásticas.

E' com justeza que observa Vicente Licínio (5) o fato excepcional do português do século das grandes navegações não haver escolhido a pintura ou a escultura para as manifestações de seu gênio criador. E' realmente o «centro sentimental poético» que predomina; a poesia traduz, dessarte, a forma de expressão notável dos homens que se ocuparam da nossa colonização.

(3)—Ronald de Carvalho—Estudos Brasileiros, 1.a serie.

(4)—O espirito moderno—Graça Aranha.

(5)—Filosofia da Arte—Vicente Licínio Curdoso.

Consoante foi observado, a arte acha-se então nos conventos e igrejas, expressa através da arquitetura e, principalmente, da torêutica.

Salvo algum prédio público ou residencias de pessoas abastadas, as construções melhores apresentam caráter religioso.

O estilo que impera em todas as cidades coloniais é o barroco, influenciado pelos jesuitas, o qual traduz um gosto sensível pela linha curva e os elementos retorcidos e bruscos.

O maior monumento arquitetônico sob essa orientação estética, entre nós, acha-se na Catedral da Baía. (6)

Ouro-Preto constitue, no entanto, uma cidade onde o ideal artístico imperante é copiosamente realizado, em sua concepção imperial do mundo e até na preocupação de universalidade que sói denotar.

Casas-pagodes, construídas sob modelos de Macau, Vilas d'Este e até edificios imitando cidadelas do século XII, como o Palacio do Governador (hoje Escola de Minas) ou o Capitolio em Roma, como a Cadeia Pública, foram edificadas nessa cidade, que ainda conserva o antigo feitio colonial, atraindo visitantes estrangeiros como Luc Durtain, Blaise Cendrars e outros.

O papel do mulato é considerável no dominio das artes plasticas, pois são elles que, trabalhando de 1730 a 1740 ao lado dos engenheiros e carapinas europeus, com o adaptar seu gosto individual ás construções barocas anunciam a nacionalidade.

O espirito da Contra-reforma e dos jesuitas operando uma transformação nos estilos da Renascença para adaptá-los ás conveniencias do fausto religioso determina a construção de igrejas desprovidas de grandes ornatos e sem pompa exterior, mas que resplendem internamente pelo luxo dos arabescos da torêutica, nas minúcias e detalhes da ornamentação.

Predominando assim os escultores, entalhadores e pintores, a arquitetura se destaca apenas em al-

(6)—História da Civilização Brasileira - Pedro Calmon.

guns templos e conventos, de que a harmonia das massas e o efeito de conjunto são de elogiar e cujos planos, em geral, haviam sido traçados por especialistas ultramarinos. Educados no ambiente católico seguiam os nossos artistas a propensão que lhes transmitiram os portugueses, produzindo obras de talha apreciáveis, em igrejas como a do Carmo, no Rio de Janeiro, e conventos como o de São Francisco.

«A capela-mor do convento de São Francisco— escreve um historiador—é no genero uma das mais ricas do mundo. Altares, frisas, paredes, colunas, cobre-se tudo de um variado tapiz de florões e arabescos preciosos (7). As cariátides que sustentam o fulcro das colunatas são modeladas com energia, valendo observar a expressão genuinamente lusa de certas máscaras de mulheres que lembram as camponias e varinas de Portugal».

As figuras notáveis da escultura e da torêutica no período colonial foram: Chagas, o Cabra, na Baía; Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, em Minas; e Valentim da Fonseca e Silva, o mestre Valentim, no Rio. E' obscura a biografia do primeiro e entre suas obras são apontados o grupo de Nossa Senhora das Dôres, S. João e Madalena na Ordem Terceira do Carmo e o São Benedito da Matriz de Sant'Ana, todos em S. Salvador.

Mestre Valentim, ainda que fôsse mineiro de origem, cultivou a sua arte no Rio de Janeiro. Produto do cruzamento de um lusitano com uma parda, esteve em Portugal, em companhia do genitor.

Modelou estatuas, traçou plantas e desenhos, deixando obras apreciáveis de torêutica nas igrejas de São Francisco de Paula, Cruz dos Militares e Ordem Terceira do Carmo.

Trabalhou infatigavelmente a madeira e os metais.

São citados como seus discipulos José da Conceição e Simão da Cunha, ambos decoradores.

Contrariando o autor de «Estudos Brasileiros»

(7)—Estudos Brasileiros—Ronald de Carvalho.

pode-se, no entanto, afirmar que as glórias cabem em maior proporção a Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, e não a Mestre Valentim.

E' que a este outro mestiço tocou em plena frente a asa luminosa do genio.

Representa êle, sem dúvida, a figura solar em nossa arte colonial

Por isso a sua individualidade artistica será objeto neste trabalho de mais detidas considerações.

Filho natural de um arquiteto luso com uma creoula, nasceu o Aleijadinho em Agosto de 1730.

Baixo, mal configurado, apresentando os traços fisionômicos da raça a que pertencia, mostrava-se com timidez no ambiente faustoso que era a então florescente Vila-Rica.

Aos quarenta e sete anos, já acometido de lepra, sofre horrorosas mutilações; perde os dedos dos pés; os das mãos atrofiam-se e curvam chegando a cair também, salvo os polegares e os índices, que persistem quasi destituídos de movimento. Demais disso, caem-lhe a pouco e pouco os dentes, a boca entorta-se e as palpebras inflamadas exibem exteriormente a sua face interna.

Adquire, pois, em razão do mal de Hansen um aspecto hediondo, passa a ser verdadeiramente o Aleijadinho, da tradição maravilhosa.

Não ignorando o sentimento de repulsa que a sua presença acarretará aos transeuntes, é nas horas êrmas do dia, quando a cidade está imersa na quietação, que se decide o genio a transportar para os locais onde trabalha.

Era, consoante narram, ás ocultas, por sob uma vasta tolda de pano, que compunha, ainda mesmo que estivesse a exercer a profissão no interior dos templos.

Mas, como seria possível a uma criatura de mãos assim aleijadas executar obras de escultura e, não só isto, obras de invulgar manifestação artistica, como as que realizou?

Um escravo africano chamado Mauricio—refere a tradição—seguia-o no curso dos trabalhos e era quem lhe adaptava os ferros e o macete ás mãos imperfeitas e quem o ajudava a subir pelas escadas, durante a execução de certas obras templais.

Na arte do Aleijadinho, que apresenta um caráter americano, já comparado profundamente ao da arte cuzquenha no Perú, são distinguíveis duas partes: «uma é decorativa, estilizada; comporta especialmente frisos, nichos, ornatos de estatuas, arquiteturas enriquecidas de ornatos esculpidos; a outra é composta de estatuas isoladas que, mesmo fazendo parte de um conjunto decorativo, revelam a marca de um temperamento criador». (8)

Além das estatuas de profetas, em que durante dez anos trabalhou para a ornamentação das escadarias do santuario do Bom Jesús em Congonhas do Campo e que ainda assombrom devido ao expressivismo audaz das fisionomias, estatuas que já fizeram comparar o artista a um Bernini tropical, o Aleijadinho deixou o sinete do seu genio em igrejas de Ouro-Preto, Sabará, São João d'El-Rei e algumas capelas particulares.

Porém onde estão acumuladas as parcelas mais frisantes de sua arte é na igreja ouropretano de S. Francisco.

Os púlpitos, o pórtico e o lavabo da sacristia são frutos integrais do seu labor e bastam, sem dúvida, para definir-lhe o talento.

De um modo geral, pode-se afirmar que Antonio Lisboa produziu uma arte nova, de cunho individual, com reflexos do ambiente cósmico, mas vinculada ao barroco jesuítico, que era o estilo dominante àquela época.

Suas composições traem uma assombrosa faculdade intuitiva, sendo de pasmar que um mulato brasileiro, sem contacto algum com a tradição europea, pudesse criar uma obra homogênea, cheia de originalidade e (9) cujas raízes na sonora expressão de um crítico de arte—se enterram no mais profundo da terra austral.

Gastão Penalva certamente exagera quando compara o Aleijadinho a Miguel Angelo (10), mas não pecará quem afirme ter sido êle um caso singular

(8)—Léon Kocknitzsky — Um Bernini dos tropicos (De L'amour de l'art, Paris (transcrito))

(9)—Léon Kocknitzsky—Obra cit.

(10)—O Aleijadinho de Vila Rica—Gastão Penalva.

na história de nossas artes, um verdadeiro fenômeno americano.

Num passo notável da obra «O Aleijadinho e Alvares de Azevedo» considera Mario de Andrade: «O Aleijadinho representa um conjunto de obras de arte magnificas; um dos momentos decisivos da nossa formação histórico-psicológica.»

Realmente; «abrasileirando a coisa lusa», imprimindo ao coeficiente europeu aspectos desconhecidos, pela criação de elementos novos, afirma a racialidade nacional com a imposição vitoriosa do elemento mestiço. Sua função histórica é notável, pois - usando ainda de uma frase do escritor paulista—sua genialidade coroa três séculos de vida colonial.

Foi este o panorama que houve por bem traçar o orador das belas-arts no período que vai em nossa História do século XVI ao iniciar do XVII, panorama onde apenas avulta a effigie de um genio e dentro do qual não se manifesta um verdadeiro «espírito nacional» como síntese de ideas e sentimentos coletivos.

Deste nem mesmo, até há pouco, seria permitido falar com segurança, sinão que vai hoje em decisiva e franca elaboração.

Graça Aranha observou que antes do surto modernista o que é verificado no país com relação ás artes plasticas diz respeito a «pequenas e timidas manifestações de um temperamento artistico apavorado pela dominação da natureza» ou á «transplantação para o nosso mundo dinamico de expressões artisticas marcadas pelo espirito de outras gentes.»

De uns anos a esta parte, porém, um sôpro renovador veio marcar, principalmente na literatura, novas etapas, compor um elo a mais na cadeia de nossa evolução. Após, «a consciencia de uma alma brasileira desperta a propria inconsciencia da nova alma. Qualquer coisa mais do instinto que da razão. Mais funcional que artificial». (11)

«A posse da terra por aqueles que apenas vi-

(11)—Estudos—Tristão de Ataíde.

vem sobre a terra», e não conseguem sorver o *humus* fecundante, fazê-lo circular em suas próprias veias.

Aquela emoção de inferioridade á Europa que — segundo Capistrano — substitue depois da Independencia o sentimento colonial de inferioridade á metropole já vai sendo dissociado da alma brasileira, que não permanece certamente a mesma vítima humilhada do «terror cósmico».

«Para o destino de nossos povos polimorfos, caóticos, com sedimentos de forças elementares e atraídos pela fatalidade da cultura técnica do Ocidente — escreve Abraão Valdez, um crítico moderno — só o espirito, potencia de todas as rebeliões, poderá salvar-nos. E uma das manifestações mágicas do espirito é a arte».

Arte que, sendo embora vinculada profundamente ao solo presente, por sua expressão humana e social, um claro sentido de universalidade.

Si bem não possamos, sob esse aspecto, ser nivelados a países como o Mexico, onde há a pintura mural de um Diego de Rivera, ou a Bolivia, onde Marina Nuñez del Prado conduz na eloquencia de seus baixo-relevos a mensagem da Arte nova da America, posto não revelemos grandes forças criadoras, já se esboça entre nós, através de alguns pintores modernos, qualquer coisa de original, de verdadeiramente expressivo.

BIBLIOGRAFIA : 1—Filosofia da Arte — Vicente Licinio Cardoso—Livraria José Olímpio, 2.a Edição, 1935. 2—Estudos Brasileiros, 1.a serie—Ronald de Carvalho—F. Briguiet & Cia., Editores, 1930. 3—Contemporaneos — Gonzaga Duque—Typ. Benedito de Sousa, 1929. 4—Ensaio e Estudos, 1.a serie — Capistrano de Abreu. Edição da Sociedade Capistrano de Abreu, 1931. 5—História da Civilização Brasileira — Pedro Calmon, 2.a Edição ampliada, Brasiliense, Cia. Editora Nacional. 6—Espírito Moderno—Graça Aranha, 2.a Edição, Cia. Editora Nacional, S. Paulo. 7—O Aleijadinho e Alvares de Azevedo—Mario de Andrade, R. A. Editora, 1935. 8—Art et psychologie individuelle — Lucien Arréat, Félix Alcan, Paris, 1906. 9—O Aleijadinho de Vila Rica—Gastão Penalva, Renascença Editora, MCMXXXIII. 10—Imagens do Brasil e do Pampa — Luc Durtain, 2.a Edição, Ariel. 11—Um Bernini dos tropicos—Léon Kocknitzsky—Boletim de Ariel, ano III, n. 11. 12—Estudos, 2.a serie—Trisião de Ataíde, Civilização Brasil.

Sessão de 1.º de Março

DES. ALVARO DE ALENCAR

Exmos. Snrs. Representantes dos Poderes Públicos.

Exmas. Snras.

Meus Senhores.

O estado de saúde alterado, do benemerito Doutor Barão de Studart—nóssso Presidente perpetuo, leva-me a assumir a presidencia, por ser o seu substituto n'este sodalicio, e declarar como declaro aberta esta sessão magna-commemorativa do cincoentenario do Instituto do Ceará.

E' certamente um anniversário memoravel—o da passagem do decimo lustro de uma instituição utilissima á sociedade.

Duas interrogações nos vêm á lembrança fazer, n'este momento.

Quanto de trabalho têm despendido 41 membros effectivos d'este Instituto, dêsde 4 de Março de 1887, entregando-se á cultura da Historia, da Geographia e Ethnographia do Brazil e especialmente do Ceará?

Quanto se têm empenhado para o desenvolvimento geral das sciencias e das letras?

Tem, com effeito, procurado o Instituto do Ceará, sempre corresponder á divisa que tomou—*Dedimus profecto grande patientiae documentum.*

Procurando cumprir o dever que nos foi impôsto, dêsde o inicio de nóssos trabalhos, a contar de 1887, já apresentámos 51 volumes de nóssa Revista.

De todos os componentes do Instituto, existem trabalhos publicados, apresentando a verdade historica, as apreciações baseadas em provas inconcussas de factos, a tudo presidindo o criterio.

E ne'ste momento, Snrs., relembro tudo isso, de quanta saudade se apodera o nóssso espirito, vindo-nos a recordação d'aquelles que tanto ennobre-

ceram as cadeiras, em que, por substituição, hoje, nos sentamos?

Não podemos esquecer os companheiros que tanto trabalharam; pois, o olvido não póde consumir a aureola de seus nomes.

Somos nós—os do Instituto do Ceará,—os filhos do trabalho e da perseverança, os conductores da verdade historica, ás gerações vindouras.

Para a conquista d'esse objectivo, procuramos, no silencio do gabinete, o preparo das narrações verdadeiras, a salientação dos homens que se notabilizaram nas artes, nas sciencias, na defesa de ideas, e que ostentaram feitos brazilicos de alta fama.

Sabemos que o principal valor da historia consiste na verdade dos successos referidos, afastando-nos das paixões, que levam sempre a relações destituidas de fundamento.

Assim prepara-se a confiança dos que leiem.

Tem sido essa a via percorrida pelos membros do Instituto.

Razão tinha Antonio Vieira—o Chrysóstomo portuguez, definindo a Historia—«a emula do tempo, o depósito das acções, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente e advertencia do futuro».

Um feliz ácto governamental collocou a séde do Instituto ao lado do Archivo Publico e do Museu do Estado, onde se guardam as reliquias da Patria, reliquias estas, que, no dizer brilhante de Vieira de Castro — o inesquecivel parlamentar portuguez, «quando conservadas e guardadas impórtam na defesa dos thesouros da Historia».

Cumpre-nos continuar, illustres confrades, revolvendo os documentos que nos foram apresentados, tendo sempre sisúda diligencia em seus exames e a penetração discreta para prender, em certos casos, o fio historico, que fôr encontrado cortado.

Difficil é certamente a nóssa missão, tratando de uma materia, que é a vida da memoria, a escola da vida, a mensageira da antiguidade no pensar de Cicerus.

Hôje passa um grande periodo tocante á Histo-

ria, periodo este, honrado e digno do nome brasileiro, e muito principalmente, dos nossos confrades desaparecidos com a morte.

Entramos agóra no decimo primeiro lustro do Instituto do Ceará, sem que tivessemos incumbencia de governos, como tiveram Racine e Boileau do governo de Luiz XIV.

Armemo-nos todos contra as dificuldades que surgirem em nosso caminho.

Sentimo-nos quasi todos—chegados á velhice, porém animados e lembrados do conselho de Xenophonte—notavel historiador atheniense:

«*Labor senectutis obsonium.*»

O PODER JUDICIARIO DO CEARÁ, NO CINCOENTENARIO DO INSTITUTO

DES. ABNER C. L. DE VASCONCELLOS

Exmo. Sr. Des. Vice-Presidente do Instituto, no exercicio da presidencia. Nobre representante de S. Excia. o Sr. Arcebispo Metropolitano. Illustres autoridades civis, militares e ecclesiasticas. Minhas Senhoras e meus Senhores. Presados consocios.

O Instituto do Ceará, celebrando nestes dias o cincoentenario de sua fundação, mergulha o seu espirito no passado e relembra, sob variados aspectos, o *facies* da vida social e politica do Estado. Assim, homens, factos e instituições são apreciados através da critica historica, na exacta recomposição dos acontecimentos e da razão explicativa da força moral que os impulsionou. Na distribuição das materias de mais relevancia, que devem ser reavivadas na espiritualidade desta commemoração, coube-me falar sobre a historia da vida judiciaria cearense no periodo que abrange a existencia do Instituto. Deixando nas sombras longinquoas do regimen colonial o primeiro systema judiciario preso á hierarchia do

Tribunal da Relação da Bahia, creada em 1587, e, bem assim, em 1811 á Capitania de Maranhão e em 1812 á de Pernambuco, somente em 1874, com a reorganização judiciaria que se começou a desenhar em 1871, veio o Ceará a ter autonomia judiciaria, com a criação do seu Tribunal da Relação, em virtude da Lei n.º 2.324. Esse acontecimento marcou epoca na vida politica da Provincia. Até esse tempo o systema judiciario, como proclamou Geminiano da Franca, já não attendia efficazmente ás necessidades de uma bôa administração da Justiça, e não estava mesmo no nivel da cultura juridica da epoca. Contra o absolutismo de certas leis, formava-se uma corrente de juristas illustres e de publicistas de renome, que dia a dia se avolumava. E tanto o era assim que, no Senado, Silveira da Motta exclamava, dizendo que o defeito da lei 3 de Dezembro não estava em artigos que estabeleciam os tramites do processo, e sim na organização politica que deu ao poder judiciario, subordinando-o ao governo e absorvendo-o. Segundo suggerir ainda o mesmo ministro, deve-se a José de Alencar, quando no Ministerio da Justiça, o serviço de haver enfrentado resolutamente a questão da reorganização judiciaria do paiz cujo projecto foi a genese da reforma liberal de 1871. Com a elevação da força moral da magistratura e a dilatação de attribuições, outorgou-lhe a lei parte saliente no processo eleitoral, dando esse primeiro ensaio optimo resultado. Comtudo, era ainda um poder que não estava integrado em toda a extensão de suas prerogativas constitucionais. «Embora a campanha que se lhe movia, a justiça não se deixava amesquinhar e os fastos judiciarios consignam episodios, nos quaes, sem medir consequencias, defendeu com sobrançeria as suas prerogativas contra as investidas arbitrias dos outros poderes». Haja vista a eloquencia deste relato feito por Geminiano da Franca, occorrido em 1888. O Ministro da Justiça autoritariamente expediu um aviso no qual chamava a atenção dos magistrados para a observancia de certos preceitos legaes que na sua opinião estavam sendo esquecidos. Era evidentemente uma reprimenda infligida á magistratura nacional. O Supremo Tribunal não trago em silencio a affronta. Ao ter conhecimento do acto im-

mediatamente reuniu-se e, por proposta do Ministro Andrade Pinto, lavrou o seguinte protesto: «O Supremo Tribunal de Justiça, por si, e como o mais elevado órgão do poder judiciario, protesta solemnemente contra o aviso-circular que foi hontem dirigido ao seu presidente pelo Ministro da Justiça, por attentatorio da soberania e independencia do mesmo poder, não reconhecendo superioridade no executivo, de igual categoria politica e com separada esphera de attribuições, para receberem deste poder os juizes e tribunaes judicarios censuras e ordens, sobre o modo por que devem elles exercer as funções de sua exclusiva competencia e com unica inferioridade de hierarchia judiciaria». Ficava desse modo resalvada a independencia funcional da magistratura e repellida uma imprudente tentativa ministerial de ditar ethica á delicadesa moral funcional de outro poder.

A historia, porém, registra esses incidentes como estímulo ás gerações de juizes que, pelo tempo a fóra, têm de velar pela guarda do patrimonio de honra da classe e que é a propria garantia dos interesses geraes da sociedade.

Emquanto o judiciario se esforçava por salvar o lado moral da justiça, com os applausos dos contemporaneos e da posteridade, sob outro aspecto deve elle ainda ser apreciado, por amor á verdade. E' sabido que, no seculo desenove, floresceram na Europa os espiritos renovadores de grandes jurisconsultos. A cidadela do direito romano reforçada pelo poder dos glosadores da idade media e retemperada pelo direito canonico, — já não bastava para regulamentar a vida juridica moderna.

Novos institutos de direito surgiam sob o influxo do desenvolvimento industrial, economico e politico das nações. O direito commercial surgia moldado em bases novas, o direito penal soffria uma transformação radical que marca com Beccaria uma das maiores etapas da humanidade; o direito civil, que era o ramo juridico mais aferrado ás normas do passado, recebeu tambem o sopro vivificador do seu rejuvenescimento, de que Cimbale se fez um decidido arauto.

A jurisprudencia antiga não podia deixar de ser o espelho da doutrina do direito; tinha de reflectir forçosamente a cultura da epoca. Como, porém, somente tarde repercutiam no paiz as novas correntes juridicas, acontecia geralmente que o direito oriundo dos julgados dos tribunaes apresentava um velho aspecto costumeiro, indifferente ao ruido da doutrina nova. As Institutas, Cujas, Bartolo, Heinecio, o direito das Ordenações, os ensinamentos de Mello Freire, que era aliás um espirito novo para o seu tempo, e Lobão, o rabula erudito e pesado,—formavam na vanguarda dos melhores estudos.

Mas já nesse tempo sabiam os nossos juizes humanizar o direito e a lei.

Não obstante, por exemplo, ser restricto o ambito das attribuições legaes do judiciario, ao tempo da celebre lei de 28 de Setembro, relativa ao elemento servil, comtudo, diz Geminiano da Franca, os magistrados, quando invocada a sua autoridade, deram sempre uma interpretação ampliativa e humanitaria aos dispositivos da lei, e foram inflexiveis e severos na repressão de todos os abusos e todos os crimes contra os infelizes escravizados.

A forma seduzia, talvez, muito mais que a essencia do direito. O processo com as suas complicações e sobretudo com o capitulo doloroso das nulidades, como que era a preocupação maxima dos ares-tistas. Com esses factores negativos das idéas juridicas superiores, o valor da jurisprudencia tinha de ser relativo. Não exercia influencia renovadora no dominio do direito.

Mas, sobretudo na segunda metade do seculo passado surgiu uma pleiade brilhante de juristas que já reflectiam as modernas conquistas da doutrina.

Teixeira de Freitas e Lafayette eram os astros de maior grandeza. Perdigão Malheiros, Ramalho, Paula Baptista entre outros eram escriptores de nomeada. Para o fim do segundo reinado, já despontavam os vultos de Clovis Bevilacqua, Lacerda de Almeida, João Monteiro, João Vieira, Ruy Barbosa, que tão alto elevaram mais tarde os horizontes do direito brasileiro.

Apezar de tudo isso, no ultimo periodo da mo-

narchia alcançado por esta rápida analyse, a jurisprudencia do nosso antigo Tribunal de Relação nada apresentava de notavel. Foram decisões perfectas sob o ponto de vista da technica então usada, mas syntheticas, sem maiores apreciações juridicas alem do restrictamente necessario para resolver a controversia concreta dos litigantes. Nada deixou de si, porém, para a construcção doutrinaria do direito, bem differente do que ocorre com outros paizes de origem latina, onde os tribunaes agrupam os mais solidos elementos formadores do direito.

Victoriosa a campanha politica das idéas republicanas, em 1889, da qual não participou o espirito conservador do poder judiciario, a vida nacional não soffreu alteração immediata no tocante á composiçào da justiça.

Os homens de elite da Republica, responsaveis pelo regimen nascente, bem comprehendiam o valor do judiciario, e o seu afastamento organico do tumulto politico, não devendo portanto ser molestado.

Aos que entendiam dever revolver todas as pedras do edificio nacional, acabando com os homens do regimen passado, e que queriam a reforma absoluta do pretorio, respondeu o espirito superior e equilibrado de Campos Salles da tribuna da Camara em 7 de Janeiro de 1891: «Muitas vezes fui censurado com aspereza, por meus proprios amigos, por que a todas as solicitações e esforços de pretensões que não me pareciam opportunas, respondi que para a Magistratura não se havia interrompido o regimen da legalidade; que, ao contrario, era indispensavel preserval-a de todas as violencias, para que não soffresse a mais leve soluçào de continuidade a justiça que é o supremo fundamento da ordem social. Fiz-me sentinela dos direitos dessa honrada classe, outrora tão desprotegida».

Com homens dessa tempera, poude a Republica evitar o cáos consequente a quasi todas as revoluções, elaborando dentro do mais curto prazo leis de largo descortino politico e social, em favor das liberdades publicas e das garantias dos direitos privados.

Destacam-se, dentre ellas, o Codigo Penal, de

autoria de Baptista Pereira, a lei regulamentar das hypothecas, de que foi autor Ruy Barbosa, e a de divisão e demarcação de terras. E pela repercussão que teve na vida nacional, a lei do casamento civil, consequente á separação da Igreja do Estado.

Com a proclamação da Republica, o Tribunal da Relação não soffreu solução de continuidade. Pertencendo o judiciario á esphera da administração geral do paiz, ficava temporariamente a salvo do camartelo da politica regional. O Ministro da Justiça era o fiador da sua estabilidade. Comtudo, um anno e meio depois da implantação do novo regimen, a maioria do Tribunal estadual deixava o serviço activo. Em 2 de Junho de 1890 o Governo Provisorio reorganizou o Tribunal da Relação e designou todos os seus membros.

De accôrdo com o art. 3.º das Disposições Transitorias da Constituição Federal de 24 de Fevereiro, passou em seguida para o Estado a administração do serviço judiciario.

Verificou-se um periodo de crise, com uma serie de nomeações e de demissões de desembargadores e juizes, entre 1891 e 1892, como si a revolução só então se fizesse sentir nos arraiaes judiarios. No entanto, já estavamos em pleno regimen constitucional. Somente com a promulgação da Constituição de 12 de Julho de 1892 normalisou-se a administração da Justiça.

Seguiu-se-lhe a publicação da primeira lei organica da Justiça de 1.º de Dezembro do mesmo anno, de autoria de um dos mais cultos e talentosos juizes que o Ceará tem tido, o des. Sabino do Monte.

Manda a verdade que se proclame que, incontestavelmente, o poder judiciario da Republica teve muito mais brilho que o do regimen extincto. Alem da epoca ser de maior cultura juridica, o antigo systema de promoção, baseado no criterio unico da antiguidade, estiolava os melhores esforços do pensamento, todo o estimulo da intelligencia. E quando os juizes attingiam os postos superiores da carreira, era, não raro, nas vespervas da aposentadoria, forçada pelas proprias contingencias da natureza,

de repouso ao organismo estenuado pela acção aniquiladora do tempo.

Emquanto isso, a mudança das instituições políticas determinou o aproveitamento de novos valores juridicos para os quadros da magistratura, o que se reflectiu logo na qualidade intrinseca da jurisprudencia. Entre nós, espiritos de escol, como Sabino do Monte, Pedro de Queiroz, Paulino Nogueira, Gomes da Frota, Joaquim Pauleta, fizeram parte das primeiras composições do Tribunal da Relação. Contudo, em que pése o progresso verificado no valor juridico dos arestos, somente a partir de 1913, data o maior destaque da nossa jurisprudencia, passando as soluções praticas a serem apreciadas atravez dos descortinos doutrinarios do direito moderno. Muito concorreu para isso o espirito culto do Desemb. Claudio Ideburque. Depois de sua entrada para o Tribunal, uma onda rejuvenescedora cheia de estímulo animou e vivificou todo o organismo judiciario. Contaminou de entusiasmo os moços que se encaminhavam na carreira da Justiça, *emulando* os proprios juizes da segunda instancia, de modo a que a nossa produção juridica passasse a apresentar uma apreciavel e confortadora galeria de julgados. Já por esse tempo florescia uma brilhante pleiade de advogados de intelligencia e de cultura, exercendo a profissão com notavel firmeza de ethica, perfume moral que os tempos modernos tanto têm tornado em desuso!

Pertencem a essa geração, alem de Sabino do Monte, de quem já falei, Oliveira Praxedes, especie de varão de Plutarcho, Moreira da Rocha, justiceiro e estudioso, chamado depois ao Governo do Estado, Dantas Ribeiro e Figueiredo e Sá, de accentuada intuição juridica, Luiz Gonzaga, talento de escol servido por uma dialectica encantadora, para só falar de juizes fallecidos. (*)

(*) Entre os vivos, mas aposentados, figuram Olympio de Paiva, Alvaro de Alencar, Claudio Ideburque, Felix Candido, Felismino Norberto e Silva Moura, que deixaram honrosa tradição pelo seu valor de julgadores. Compõem actualmente a Córte de Appellação os desembargadores Olivio Camara, Presidente, Abner de Vasconcellos, Faustino de Albuquerque, Gabriel Caval-

Novas gerações de applicadores da lei substituíram aquella que foi o inicio da jurisprudencia e que constitue um titulo de orgulho para a justiça estadual, todas empenhadas em elevar cada vez mais o valor juridico da nossa producção forense.

O que a psychologia apprehende do judiciario cearense, apesar de ter sido na republica tão mal recompensado pelo Estado, até o advento da Constituição de 1935, é a sua extraordinaria linha de honestidade e independencia. Em épocas em que a moral publica e privada atravessa por vezes crises que entibiam os caracteres dotados de menor resistencia, a magistratura, em que pesem possiveis defecções, tem se caracterizado por uma attitude digna de elogios. E' verdade que a má comprehensão do sentimento partidario tem levado a politica á pratica de revoltantes injustiças para com os juizes, vendo nelles, muitas vezes, deturpações do espirito funccional, quando na realidade nada mais é do que a pugna pela victoria do direito e da justiça! Nesse terreno, attribuem constantemente os partidos interferencia do executivo nos negocios internos do judiciario, quando de facto tal não se verifica. No quadriennio de 1908 a 1912, fazia-se, por exemplo, essa imputação ao governo. Com Fernandes Vieira, Torres Camara e Gabriel Cavalcante, sobejamente conhecidos, fiz parte, nessa época, da justiça da Capital, onde advogava um filho do presidente. E dou por isso o testemunho de que, pelo menos na justiça de primeira instancia, jamais houve sequer tentativa de ingerencia do poder executivo, que aliás a susceptibilidade funccional não toleraria absolutamente. Sempre que tal se dá, o choque de poderes é inevitavel, porque a justiça entre nós, como deve ser por toda parte, pensa e age com independencia de acção.

Outro aspecto porque se destaca o judiciario moderno, é a cultura do direito e a elevação dos seus arestos.

cante, Daniel Lopes, C. Livino de Carvalho e Leite de Albuquerque, sendo Procurador Geral do Estado o Dr. Dolor Uchôa Barreira.

Seculo de formidaveis estudos e de notaveis codificações, a legislação comparada e o conhecimento generalizado dos idiomas, têm dilatado extraordinariamente as raias da doutrina. A jurisprudencia teria necessariamente de reflectir o desenvolvimento actual da sciencia juridica. E folgo em proclamar que o Tribunal do Ceará tem procurado acompanhar de perto esse esplendido movimento do direito, o que constitue um penhor de confiança para as suas decisões.

Como em 1891 e 1892, a justiça do Estado passou em 1931 por séria vicissitude, em consequencia da revolução victoriosa. Incredula de interferir na vida partidaria e prejudicar o direito do voto eleitoral, numerosos juizes foram afastados de seus postos, enquanto outros deixaram de ser molestados. A justiça perdeu com isso alguns juizes que sobremodo a elevavam. Acto exclusivo do poder discricionario do governo provisorio, a bem da verdade historica, é preciso declarar que os elementos que permaneceram na magistratura, não tiveram a mais leve ingerencia no afastamento dos collegas, nem foram ouvidos sequer a respeito, e nem poderiam concorrer para a execução violenta de uma reforma de character revolucionario.

Comprehendendo essa susceptibilidade de classe, quando nomeado, sem ser ouvido previamente, para o cargo de Procurador Geral do Estado, disse-me o Interventor Federal que a reforma do Tribunal de Justiça era obra sua, de exclusiva responsabilidade, sem nenhuma participação de elemento judiciario.

Hoje, devido ás novas franquias constitucionaes, o judiciario gosa de prerogativas que antes não possuia. Estamos quasi no regimen da auto-administração, em que a vida judiciaria se resolve quasi toda na Côrte de Appellação.

Graças a essa conquista constitucional, forma-se hoje uma idéa perfeita do que realmente seja na pratica a separação harmonica dos poderes, o que dignifica o regimen, assegura o bem publico e nobilita a administração geral do Estado.

Aliás, esse systema já nol-o havia outorgado antecipadamente, por disposição de lei—o Decreto or-

ganico 1.007 de 2 de Maio de 1933, na administração Carneiro de Mendonça. Dessa forma, está inaugurada uma epoca de ouro para a magistratura. Que ella saiba comprehender as vantagens superiores da legislação organica vigente e corresponder aos anseios de toda sociedade civilizada, *ciosa* de seus direitos e prerogativas consubstanciados no ideal de justiça, na liberdade das acções licitas, na garantia da propriedade em seu conceito mais amplo, no amparo a todos os direitos que cercam a personalidade humana, individual ou collectiva. Tal deve ser a projecção da Justiça, mesmo porque, como proclama Picard, cada epoca, cada raça projecta o seu Direito, como projecta a sua Arte, a sua Moral, a sua Religião, a sua Língua, a sua Industria, o seu Commercio, a sua Política, a sua Moeda, o seu Amor.

Como é sabido, a vida do direito é acima de tudo elaborada nos tribunaes, no contacto directo com as realidades humanas... Essa é que é a razão politica do judiciario, pois, no dizer ainda do renomado autor de *Le Droit Pur*, o combate pelo Direito é a politica no sentido nobre do termo, não a politica pela conquista do poder, pelas honras vãs, pelos interesses egoistas dos politicos, mas a politica pela conquista do direito, a grande idéa collectiva generosa e social, em que o individuo se esquece constantemente de si, pensando na collectividade, e a qual se apresenta como o mais alto dever do cidadão.

Pretende-se que o mundo passe no momento actual por uma completa transformação que abala os seus proprios alicerces.

Por isso, porém, não se deve entender o movimento de corrupção da politica e da moral que agita as nações modernas. E' verdade que Letourneau já dizia que toda moral nova nasce de preferencia nas epocas de decomposição social. E pretende o grande pensador assistir ainda no crepusculo do seculo XIX, á genese de uma nova moral que, livre de todo espirito religioso e metaphysico, seria francamente utilitaria e transformista. Mas é erro confundir a tempestade que sopra com a realidade da transformação. A luta é que caracteriza a vida do direito e o direito e a moral vivem em tal estado de simbiose,

que não se podem separar. E a situação do mundo moderno offerece bem a medida da significação desse aspecto, em que levam melhor vantagem as forças conservadoras, na estabilidade das democracias vivificadas pela religião e pelo direito.

A sociedade civilisada não poderá transformar radicalmente as suas bases. Mudam as formas de governo; o progresso das sciencias e das artes deslumbra a humanidade; surgem periodos de crises politicas dando margem á evolução continua dos povos; as revoluções ensanguentam, destróem e constroem, mas os principios cardiaes da vida social permanecem indestructiveis. E a noção do bem e do justo é o seu fundamento supremo. Dahi, o dizer expressivo de Grocio, que o direito está substancialmente ligado á noção eterna e absoluta da justiça, emanação da natureza de Deus suggerida pela razão humana.

A historia com as suas leis bem deduzidas hoje, graças á penetração scientifica de Xenopol, em sua *Theoria da Historia*, e em que já não basta a exposição systematica do passado, nem a apreciação dos factos successivos, nem tão pouco seu encadeiamento causal, mas levando em conta, acima de tudo, a analyse e o agrupamento das series historicas parallellas e successivas; a historia que, no conceito de Cicero, não é somente o testemunho dos seculos, o juiz dos homens e dos povos que passaram, o encanto do espirito que vive, mas tambem a inspiradora das gerações presentes; a historia, repito, tem neste Instituto um dos seus benemeritos laboratorios nacionaes, rico de 50 annos de labor fecundo e prestigiado em todos os centros culturaes congeneres.

E como sem critica a historia do pensamento não passaria de um méro repositório morto de idéas, de um estudo sem vida, no conceito do laureado Leonel Franca, foi que eu, Juiz e membro do Instituto, trouxe para as solemnidades desta commemoração, um pouco de historia e de critica do judiciario, através de um rapido esboço, quanto bastasse para mostrar a evolução do seu espirito e a importancia que desempenha nos acontecimentos da vida politica e social do Estado.

Sessão do dia 2

ALBA VALDEZ

Distintas autoridades civís e eclesiásticas. Ilustres colegas do Instituto do Ceará. Meus senhores. Minhas senhoras.

O objetivo que ora nos congrega faz jús a uma interpretação abonadora dos movimentos da nossa vontade ao tempo que esclarece tendências do nosso espírito.

Articula na linguagem convincente dos fatos que sabemos amar e honrar os rasgos de inteligência e de trabalho em que é fértil a história da nossa gente.

Admirável espetáculo, na verdade, dos que, nesta hora sísmica da humanidade, arrepiam o caminho, subtraindo-se à impetuosa corrida ao utilitarismo, à supremacia do mando e das posições, à embriaguez dos prazeres materiais, para se acolherem no ambiente de uma solenidade puramente intelectual.

Ainda vive em nós—felizmente!—, rica de seiva, a fibra dos que, em 1817 e em 1824, se bateram, sacrificando-se magnificamente por um ideal, dos que defenderam a honra da pátria nos banhados do Paraguai, dos que desbravaram as florestas amazônicas e incorporaram o Acre ao patrimônio nacional.

As nossas energias, caldeadas na dor, no sofrimento sempre em perspectiva, enfrentam, sem hiatos, o fatalismo cósmico que pesa sôbre a terra singular que nos serviu de berço, a qual, apesar de tudo, constitue no concôrto nacional uma expressão das mais altas e harmoniosas.

E' que perdura em nós a mística da pátria, que um marechal francês, Pétain, citado pelo jornalista patricio Costa Rêgo, chamou a mística da recordação.

O Ceará é a terra do Brasil onde mais se sofre e, sendo assim, deveria ser pela lei da coerência uma terra de tristeza. Mas quem viu? No meio das ruínas da sêca, da miséria que enegrece o lar, há momen-

tos em que o homem exclama com ar decidido: «Desgraça pouca é tiquinho!»

A alegria, considerada por Michelet a quarta virtude divina, participa do seu substrato, insufla-lhe novas fôrças para a missão de viver.

Em 1887, uma *élite* de homens das nossas letras, atuada por uma exaltação de brasilidade, fundou o Instituto do Ceará, audaz empreendimento num meio onde ao sentido gregário dessa ordem se opõem fortes agentes destruidores.

Qual há sido, em regra geral, o destino dos nossos grêmios culturais?

Vegetações que morrem na primeira fase do crescimento. Algumas nem chegam a ter um tamanho, perecem no embrião.

Quanto ao Instituto, até dá vontade de o comparar a essas árvores gloriosas do sertão, que se perfilam, as bravas raízes enterradas na areia ardente, o juazeiro, a oiticica — verdes que fazem gosto! —, resistindo à sêca. Porque o Instituto passou pelo crisol da sêca.

Não me refiro aqui à sêca fenômeno físico, mas ao fenômeno moral. O desestímulo, a conspiração do silêncio, a crítica derrotista das igrejazinhas, não será uma sêca que abate e define o espírito?

Mas a pertinácia dos fundadores do Instituto e a dos seus continuadores anularam os efeitos maléficos. Sem um cérebro, entretanto, que se impusesse à tarefa social, a mais árdua de tôdas, de atrair, recompor, coordenar elementos, não ocorreria tão belo resultado.

Quero referir-me ao nosso venerando presidente, Sr. Barão de Studart.

Diz-se — suponho não irei enunciar nenhuma novidade — diz-se que o Instituto do Ceará é o Barão de Studart.

Que riqueza de expressão para ser aproveitada na biografia desse sábio, que não é somente um sábio. Mais do que isso. Um homem de têmpera que, para atingir o seu ideal de progresso coletivo, luta até vencer.

O Barão de Studart é um símbolo. Sem êle, o Instituto não existiria. Ao seu influxo, porém, cresceu, prosperou, projetou-se. Através das páginas do seu órgão oficial, a *Revista do Instituto*, comunica, aos centros culturais do mundo, na Europa, Ásia, América, os seus trabalhos, que ferem a atenção de obreiros especializados.

Do expediente das sessões constam jornais e revistas que fazem permuta, escritos em idiomas exóticos, como o russo, o japonês e o árabe.

Não resisto à tentação de trazer à balha o seguinte passo, sucedido comigo numa dessas reuniões, em que eu mirava e remirava um jornal árabe, folheando-o vagarosamente.

Na ocasião, tinha lugar vizinho ao meu ilustre confrade que, vendo aquilo, me perguntou curioso, olhar a reluzir contra os vidros dos óculos,—se eu sabia o árabe:

Respondí pela negativa, contrariando certa tática modernista, que considera de pensamento primário o indivíduo que confessa a sua ignorância.

—Sabe isto?—Sei.

Mas, com franqueza, não sei para onde vai a língua árabe, sabendo, sim, que o seu país de origem fica muito longe. O avião e o rádio, é certo, tornaram o mundo menor, encurtando as distâncias; nem por isso, eu deixava de me admirar daquela visita do outro hemisfério.

Os 50 anos do Instituto alvoroçaram de alagria os trabalhadores desta casa. A festa decorre luminosa como sói acontecer com as festas da inteligência. Há o ritmo feiticeiro das ideas, criado por artistas da palavra, que já se fizeram ouvir.

Que fazer? Tudo em mim é fraqueza. A mulher é um ser fraco, propalam. Pois, da própria fraqueza, construirei a fôrça necessária para comunicar as minhas emoções.

O panorama social cearense, no que concerne ao progresso intelectual da mulher, foi, até pouco tempo, de alcance mínimo.

Muito mais carecido de importância do que em qualquer outro trecho do território brasileiro.

A evolução, nesse sentido, se processou lentamente, aos milímetros, e nem podia deixar de acontecer assim, desde que é mister considerar o complexo de receios que comprimia a família de anos atrás num circuito erigido de preconceitos e superstições.

Estreitamente ligada ao lar por efeito do rigorismo educacional, sem maiores responsabilidades que as decorrentes dos afazeres domésticos, dos estudos feitos com certa limitação, a mulher visionava a vida menos pelo que possuía de real do que pelas aparências. O preparo intelectual ressentia-se do senso das realidades, convindo-lhe bem a terminologia de abstrato que os gramáticos conferem a determinados nomes.

Se tinha posses, estudava como interna no Colégio da Imaculada Conceição ou noutro estabelecimento particular de ensino secundário de Fortaleza. Não se compreendia uma menina rica, da sociedade, a instruir-se gratuitamente, nivelando-se com as pobres das areias e dos subúrbios. Naquele tempo era assim. Hoje, o *chic* é estudar fora, cursar o Colégio do Sacré-Cœur ou de Sion, no Rio.

Na Escola Normal, estudavam as pobres, que se habilitavam para o cargo de professora, indo depois lecionar honestamente o que aprenderam durante o curso. Muita vez, estratificavam-se-lhes nos cérebros os conhecimentos adquiridos em virtude do isolamento da terra, distanciada da corrente civilizadora.

As ex-alunas dos colégios, essas, após a conclusão do curso, retornavam à casa paterna, e, sem o imperativo da necessidade, esqueciam aos poucos, pela ausência da ação de continuidade, boa soma do cabedal de instrução.

Ainda tinham horas de leitura, que reservavam aos romances de Escrich e George Ohnet e às poesias de Casemiro de Abreu, Castro Alves, e Olavo Bilac, que surgira com a sua musa cálida,—poesias que decoravam e recitavam ao som da Dalila.

O viver social entretecia-se-lhes das distrações do Passeio Público, afamado em todo o Brasil, das aristocráticas festas dos clubes ou de casas de famí-

lia, onde compareciam, acompanhadas dos pais ou de parentes.

O mundo, o verdadeiro mundo, contemplavam-no de longe. Os rumores do espetáculo extra-muros chegavam-lhes em notas confusas, desfalcadas em acento e quantidade.

As ideas que começavam a penetrar no seio das massas, trabalhadas por um pensamento renovador das velhas fórmulas sociais, tendentes a erigir o padrão da vida nacional, dar maior significação à raça, não conseguiam senão, por instantes, atravessar-se-lhes na imaginação cheia de quimeras e fantasias.

A filha dêste céu não amava a pátria? Amava. Ora se não havia de amar o seu Brasil, um dos maiores e mais privilegiados países do globo, conforme aprendera nos compêndios de geografia nos tempos do colégio e da Escola Normal! Riqueza na flora, riqueza na fauna, riqueza nos minérios, riqueza nas reservas hidráulicas...

E clima a escolher—para todos os gostos. E terra à vontade—oito milhões e muitos milhares de quilômetros quadrados para tôdas as culturas.

Amava muito o seu Brasil. Intimamente nutria veleidades de ser homem para proporcionar-lhe um grande destino.

Bastava se lembrarem...

Em 1817, chamava-se Bárbara Pereira de Alencar e, auxiliada por seus filhos e parentes, proclamou a 3 de maio do mesmo ano a república no Crato, aderindo ao movimento de Pernambuco, que fracassou.

Pagou a audácia patriótica com a prisão numa masmorra de Fortaleza, sendo depois transferida para uma cadeia de Recife e daí para outra da Baía.

São passados sete anos. A fogueira da revolução reacende-se com as fagulhas de 17. A Confederação do Equador tem vida efêmera, e seu presidente, Tristão Gonçalves, morre assassinado, ao cabo de poucos meses, nas proximidades do rio Jaguaribe. Então se esparge uma glória melancólica, a de sua esposa Ana de Alencar Araripe, que o acompanhava em tôdas as vicissitudes da sua vida política e agora traz o nome de Ana Triste.

Tempo da guerra com o Paraguai. Um jovem voluntário, risonho e entusiasta, reúne-se às fileiras que rumam ao teatro das operações. Os camaradas de armas olham-no admirados. Por onde passa o navio em que viaja, organizam-se festas em sua honra. A população traz o seu retrato.

Quem é o jovem voluntário da Pátria que provoca semelhante alvorço de alegria?

E' Jovita Feitosa, em cujo coração percutiu a afronta paraguaia.

Inicia a aventura sonhada nos sertões piauienses, onde se encontrava, ao romper a guerra. Quer ir para lá matar paraguaios, que fizeram tantas ofensas às suas irmãs, as moças de Mato-Grosso.

Dentre as ruínas da sêca de 1877, que abrangeu este ano e os subsequentes, 1878 e 1879, sêca tremenda, que o fúlgido gênio escachoante de Guerra Junqueiro gravou em alexandrinos imortais,—dentre as ruínas acabrunhantes, surgiu uma ideologia alta como o céu. A ideologia abolicionista. Não há maior fator de solidariedade humana do que a desgraça coletiva. O branco sofreu juntamente com o escravo—irmanados. E o branco apiedou-se do escravo. Houve uma revolução nas consciências. Libertar o escravo a todo transe.

E uma mulher era tangida por essa lufada heróica de civismo: Maria Tomásia Figueira Lima.

Depois dêsses episódios marcantes na sua existência social, a mulher retorna ao lar. Os mesmos deveres, as mesmas obrigações.

Antônio Bezerra, na sua obra *O Ceará e os Cearenses*, na página que dedica à mulher patricia, desvenda nitidamente, apesar do tom apologético do enunciado, a cêrca de arame farpado em que se encerrava a família de antes da guerra. Na verdade, a jovem recebe a luz do sol e da instrução, mas veja lá como se utiliza da liberdade e da quota de conhecimentos adquiridos!

Enquanto isso, abusa-se do prestígio da modestia. A cada passo, emprega-se o termo—pedantismo. Se se imprime à palestra um aspecto mais elevado; se se destaca por maneiras mais polidas e elegantes; se, em síntese, procura criar nova

mentalidade em contraste com a existente, atribue-se tudo ao pedantismo, ao desejo de se salientar.

Nessa época, falava-se tanto em pedantismo, como, há pouco, não se deixavam em sossêgo certos vocábulos, tais como *dinâmico*, *trepidante*, *setor*, etc. Aliás, a crítica deprimentemente também atingia em parte os homens intelectuais.

—Olá, poeta! — cumprimentavam-no em sentido pejorativo, como se fôsse um boêmio ou um desocupado.

A história tem analogias ou termos de comparação interessantes. René Pichon, na sua *Histoire de la Litterature Latine*, observa que para o povo latino, preparado para as conquistas políticas e militares, ler, escrever e pensar era nada fazer.

Conquanto já esteja modificado, o meio cearense ainda se ressentia das cogitações que colimem soluções mais práticas.

Pensando-se no Ceará, vem logo a idea da sêca, da eterna luta do homem contra a natureza. Não se pode prescindir do meio biológico nas manifestações do espírito. A inteligência carece de um clima propício, de uma agradável tranquilidade, de uma liberdade criadora, para se entregar com eficiência às suas tendências literárias e artísticas. E a prova está em que a maioria dos nossos grandes homens se fez longe da terra natal. A mulher de letras do Ceará teve princípios ásperos, concorrendo para isso, como já foi dito, o isolamento da terra, sem o contacto direto da civilização, a rigorosa educação familiar e os conceitos desairosos, que sôbre o cérebro feminino atiraram certos filósofos.

Entre êstes, o que mais se notabilizou na campanha inglória foi Schopenhauer, cujas teorias, condensadas em pessimismo vesânico, fizeram a volta do globo e, como era fatal, aportaram às nossas plagas. Fazia gôsto ouvi-las repetidas até pelos rapazinhos imberbes.

Mas mudam-se os tempos e mudam-se os costumes. E certas filosofias também. O dito foi envelhecendo, até que envelheceu de todo, caindo no obsoletismo.

Nesse interim, a mulher trabalhava pelo aperfeiçoamento do seu eu, interessando-se pelos problemas sociais.

No volume *Para a História do Jornalismo Cearense, 1824—1924*, um século, por conseguinte, o ilustre historiógrafo Barão de Studart registra 17 periódicos, entre impressos e manuscritos, dirigidos por senhoras.

O primeiro surgiu em 1875, numa sequência apreciável de anos prósperos, que colocavam a antiga província do Império em situação excelente, advinda de continuados invernos.

Chamava-se *O Lírio* e era manuscrito. Para começar, um nome bem achado. Nome de flor bela e perfumosa. Para que chamar-se, por exemplo, *O Combate, A Reação*, que ressumam truculência?

Dois anos mais, aí vem a sêca de 77, que é como quem diz doença gravíssima e convalescença prolongada, que absorvem a mulher em incessantes misteres, preocupações e cuidados domésticos.

Não obstante, percebem-se os pródromos do movimento abolicionista, que despertam os estros de Emília de Freitas e Francisca Clotilde. Elas estrelam as colunas dos jornais com a comovente música humanitária das suas estrofes.

Em 1888, no cenário do periodismo indígena, assinala-se o aparecimento de *Evolução*, redatoredada por Francisca Clotilde, Antônio Duarte Bezerra e Joaquim Fabrício de Barros, e daí por diante mais de uma dezena de revistas literárias, fundadas em Fortaleza e em diversas cidades do interior.

Algumas atingiram anos de idade, circulando não só dentro do Estado, como fora dêle, mantendo larga permuta; exemplo: *O Astro*, fundado em Baturité pelas irmãs Amélia e Olga de Alencar, que, com a pessoa que dirige a palavra a esta assemblea ilustre, fundaram a 26 de julho de 1904 a *Liga Feminista Cearense*, a primeira agremiação feminina, de fins culturais, que o meio possuía.

Outra publicação feminina nas mesmas condições é *A Estrêla*, surgida também em Baturité, pela ação progressista de Antonieta Clotilde, filha

dessa mulher de talento que se chamou Francisca Clotilde, jornalista, poetisa, dramaturga e romancista.

Observa-se ainda na vida jornalística cearense um caso, que é o do hebdomadário católico *O Rosário*, de Aracati, fundado em 1908 por D. Maria Felismina, com tiragem de 300 exemplares, o qual, no número comemorativo do primeiro aniversário, constou de 12 páginas, espalhando uma edição de 1.200 exemplares. Citam-se ainda individualidades femininas que, se não fundaram jornais, pelo menos deram às suas colunas o lustre de uma inteligência engrandecida pelo estudo e pelo móvel que as arrastou ao torvelinho da publicidade.

Estão nesse caso Ana Facó, modelar figura de educadora, e outros espíritos femininos que, no jornalismo, exerceram atuação didática, literária ou doutrinária.

E' pouco, é quasi nada!—opinarão alguns.

E eu replicarei:—E' movimento. E' vibração.

Pesados, *ultima ratio*, os motivos de ordem geral, o meio ambiente com os seus prejuízos e mentalidade estática, a falta de convívio espiritual, onde tivessem notícias do progresso que civiliza, tôdas as circunstâncias, enfim, oriundas do clima social, que enlanguescia qualquer floração estranha—essas mulheres projetaram-se para o alto. Excederam do tempo e do espaço. Bem merecem que se as relembre com admiração e simpatia.

HISTÓRIA E LITERATURA

P.^E MISAEL GOMES

(Representante da Academia Cearense de
Letras)

Meus Senhores. O que prejudica ou salva as instituições humanas, o seu espírito. Quando êste mau, não importa o poder de organização e a amplitude regorgitante da sua influência, é para temer: todo homem de bem deve malquistá-las e combatê-las.

Pelo contrário, ainda mesmo quando a existên-

cia das instituições modesta e o sistema de ação limitado, se o espírito é bom, constituem por diversos graus favor público, benefício que importa louvar e estimular.

Aí tendes porque não refugí da Comissão da Academia Cearense de Letras, para virmos os professores Joel Linhares, Ermínio Araújo e Misael Gomes, virmos hoje representá-la na sessão do Instituto do Ceará, nesta festa do primeiro jubileu, 50. aniversário da sua criação.

Não importa o que disse João de Barros nas *Décadas*: «Os homens são mais prontos em dar de sí frutos voluntários que os encomendados»; o que me apraz em solenidades como esta, causa-me simpatia, é tudo aqui inspirado, dominado de um sentimento nobre que, por vezes, falta ao Brasil, falta ao Mundo, e que, fôsse conservado sempre, pouparia males, até desgraças irreparáveis: tal sentimento, o *respeito do passado*.

O respeito do passado, eis vosso espírito, Srs. do Instituto do Ceará, o espírito dos vossos estudos, de vossas investigações cuidadosas, da vossa Revista e das vitórias alcançadas na seara fecunda da atividade intelectual em que procurais, ao mesmo tempo, suprir deficiências, preencher lacunas, corrigir erros, retificar subterfúgios ou ilusões e decifrar enigmas.

Não só de mim, mas com um dos maiores historiadores contemporâneos, afirmo: as nações o que as constitue, o sentimento do passado, o condomínio de opulenta herança dos fatos tradicionais, o desejo de viver juntas e a incessante vontade de manter e conservar indiviso, harmônico, o legado comum.

Meus Srs. Plasmam os homens matéria da sua história, porém o gênio deve vazá-la, esculpindo-o com amor e arte para valer como instrumento de educação. Felizes os que mereceram historiógrafos na altura de Herôdoto, Tucídides, Tito Livio, César, Salústio e Tácito: nenhum catálogo nem acervo de dados, porém o estudo da alma nacional, a vida dos ancestrais narrada por obra artística aos descendentes, com idea de esmaltar o novo, relustrá-lo e dinamizar a fibra patriótica; neste sentido, a história

é eminente fator, maravilhoso ensaio de civismo. Mas, enquanto não possui a Nação o gênio criador de sua história, que fará? Ainda a arte, com basear-se na experiência e observação, pode substituir o gênio até que a natureza gratuitamente o conceda.

Como ciência requer—a ciência histórica—unidade, embora não se possa unificar qualquer assunto antes que se conjecture ou aquilate de seus elementos. Os verdadeiros interesses desta ciência reclamam pois, mais do que nunca, estudos especializados e monografias. A história classifica metódicamente os fatos, reatando-os ou destacando-os, para coligir o material básico das induções científicas; enriquece e adorna o espírito de nobres ideias, considerada como deve ser a depositária das tradições avoengas, da origem das instituições políticas, da glória e celebridade dos vultos que sobressaíram.

O erudito sócio do Instituto do Ceará, que foi Júlio César da Fonseca Filho, sintetizou: «A história é uma plástica; é a arte de modelar e esculpir as figuras dos tempos, de reconstruir as cousas que passaram, dando-lhes as suas formas reais e verdadeiras.»

«O estudo da História—assim Oliveira Viana no Instituto Brasileiro — o estudo da História, abrangendo hoje tôdas as capacidades, pede a colaboração de tôdas as ciências: as ciências da natureza, as ciências do homem, as ciências da sociedade... Equivale dizer que o mais simples fenômeno histórico exige para a sua exata compreensão os subsídios de tôdas as ciências naturais, de tôdas as ciências antropológicas, de tôdas as ciências sociais.» Em França, desde o século XVI, o cuidado esclarecido dos grandes transcritores, extratores, colecionadores e lexicógrafos, logrou escavar documentos acêrca de antiguidades nacionais: Pithou, Du Chesne, Du Puy, Godefroy, Sainte-Marthe, Baluze, Du Cange, Brussel e outros. De um dêstes infatigáveis trabalhadores, fez Leopoldo Delisle o significativo elogio: «On est saisi d'étonnement à la vue des immenses recueils qu'André du Chesne avait composés...» Surgiram comissões oficiais subvencionadas pelo estado, o *Comité des travaux historiques*, 40

sociedades e academias; apareceram novos valores a se ocuparem do passado, Agostinho Thierry, Barante e o mais eminente, senão o mais representativo entre românticos, Júlio Michelet. Pela segunda metade do século XIX, esflorou um renascimento dos historiadores franceses, em parte devido à Alemanha, conforme Ch. V. Langlois declarou. Ernesto Renan, Fustel de Coulanges, Taine, Belot, G. Perot, Victor Duruy são, por êsse tempo, nomes de inconfundível relêvo.

Os altos poderes da República Francesa, depois da guerra de 70, por todos os meios incentivaram estudos e empreendimentos históricos, que logo desenvolveram as grandes coleções de textos, criaram várias centenas de volumes a proporcionarem, ou compensarem pelo menos, principais fontes da nacionalidade. Assim não tem hoje a França a quem invejar, no domínio dos trabalhos históricos.

Na Alemanha, por seu lado, nasceram Escolas com Niebuhr, Savigny, Hegel, Herder e, por último, Osvaldo Spengler, autor de uma nova concepção da História.

Na Itália, pátria de Vico, autor da *Scienza Nuova*, sem falar dos mais antigos, apareceram Cibrário, César Cantú, Sismondi e G. Ferrero.

Certo que das virtudes, delitos e vícios de uns tantos eminentes personagens a história está feita, a verdadeira e genuína história dos povos esmorece, amofina-se em grande parte por fazer. Com mais veras a História do Brasil, entende Rocha Pombo, ainda está por escrever-se «não só — diz êle — porque a História deve ser renovada de quando em quando, de acôrdo com os sentimentos que evoluem, como porque os historiadores, os fundadores da nossa ciência histórica não tiveram tempo de esboçar quadros, ligar acontecimentos, fazer filosofia da sociologia, de dar ao menos a descrição viva, empolgante, artística, impressionante, dos fatos e homens que recordavam».

Cedo despertou a preocupação da história brasileira. A literatura colonial, afora as composições poéticas, limitou-se a obra de cronistas e historiadores; e não somente como meio de informações com

que as ordens religiosas procuravam instruir-se das cousas do país, senão também com espírito geral e mais abnegado. Frei Vicente do Salvador é um historiógrafo patricio, e não simples cronista religioso. Entretanto, ainda não possuímos como a Inglaterra um Macaulay, um Carlyle, Buckle, ou como a Suíça um Müller, como a Alemanha um Zeller, a França um Taine, Mezaray, Henri Martin, Michelet, Chateaubriand ou um Thiers. Até hoje não surdiu inteligência eleita para estudar o nosso passado de acôrdo com um plano claro e superior de obra reformadora, igual e condigna. «Ainda a vossa pátria espera o historiador que faça um trabalho científico e completo de todo o Brasil», dizia o Dr. Francisco Isoldi em suas preleções de S.-Paulo, 1932.

Porém, avulta desde o último século a galeria dos que se ocuparam do assunto. *Brasileiros*: Pizarro de Araújo, José da Silva Lisboa, J. Caetano da Silva, Warnhagen ou Visconde de Pôrto-Seguro, Pereira da Silva, J. Noberto de Sousa Silva, Joaquim Felício dos Santos, Rio-Branco, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, Felisbello Freire, Sílvio Romero, Capistrano de Abreu, Rocha Pombo e outros; *ingleses*: Southey, Andrew Grant, James Hiderson, John Armitage; *franceses*: Beauchamp, A. de Saint-Hilaire, Gafarel; *alemães*: J. B. von Spix, E. Lebrecht, E. Munch, C. Seidler, C. von Martius, G. H. Handelman, Schneider; *portugueses*: Constâncio e Oliveira Martins.

Oxalá, à feição do que já obteve Portugal com Alexandre Herculano e Oliveira Martins, apareça entre nós espírito capaz de construir monumento que não só aproveite o passado, mas interesse ao futuro; larga página nos reservam os fastos do Universo.

Quem quizer estudar anais brasileiros refletindo os acontecimentos da Europa, há de recorrer a quasi tôda a História Ocidental Contemporânea. Desde a cruz erguida em Pôrto-Seguro a 1.º de Maio de 1.500, o que somos devemos à Europa e a sua civilização. «Vous avez le double avantage d'une terre vierge et d'une race antique. Un grand passé historique vous rattaché au continent civilisateur. Vous réunissez la lumière de l'Europe au soleil de l'Amérique.» (*V. Hugo dirigindo-se aos brasileiros*) A Eu-

ropa formou a nossa inteligência e sobejamente contribuiu para o progresso, fornecendo-nos o inestimável concurso de sua atividade, experiência e riqueza.

Já sobre a 2.^a parte do século XIX, largaram aqui as letras a influência da ocidental praia lusitana, cuja reação, começada antes, acentuou-se após a Independência. Românticos ou realistas, parnasianos ou simbolistas, os escritores e poetas franceses começaram de inspirar novas produções; porém todos os movimentos e correntes literárias têm tido representantes dentro do país. José de Alencar, o cantor de Iracema, e o maior poeta épico da raça brasileira segundo Ronald de Carvalho, esplende no período do Romantismo, quando na «loira desposada do sol», a capital da provincia, Rocha Lima, Francisco Leite, Tomaz Pompeu, Xilderico de Farias e Frâncim Távora firmavam os alicerces literários do Norte, conquanto os maranhenses, à frente Gonçalves Dias, conquistaram para a sua terra o ambicionado título de «Atenas Brasileira». A obra porém de Alencar, se não vale tôda uma literatura como foi dito de Garrett, contudo sobressai na literatura em que o seu indianismo se conserva único e inimitável. Escritor algum, na opinião de Machado de Assiz, teve em mais alto grau a alma do seu povo.

Em verdade, espíritos capazes de arroubos estéticos, consciências perspicazes, da primeira metrópole baiana aos rios amazônicos, desde os primeiros séculos opulentou o imenso trecho, a exuberância de gênios peregrinos, a safra de manifestações intelectuais, iniciativas surpreendentes de escolas, teorias e academias literárias. Nem da sua prodigalidade exauriu-se a cornucópia áurea, e diamantes afloram, ainda hoje, por entre cascalhos, oferecendo brilhantes puríssimos à Capital da República. Vale a pena o que escreveu João Ribeiro: «No norte quasi todos somos beduínos, errantes e vagabundos. Caminhamos para o sul, na esperança de dias melhores e de terras mais exuberantes e fartas. Esta miragem illusória distancia-nos das aldeias tranquilas. O nortista emigra porque só ao longe fulgura a illusão da fortuna. Contudo, o norte é belo na sua pobreza, na sua modéstia e até no fatalismo heróico da sua resignação. Por isso mesmo êle invadirá

o sul lentamente, por infiltração, levando às terras mais ricas a sua exaltação profética e invencível. Os homens do norte são brasileiros do antigo teor, formadores da nacionalidade antiga e garantidores da espécie única, no meio das estirpes novas e desvairadas. Ele é como a religião, a pátria e a história, uma coisa antiga, perpétua e duradoura. O sol, que por vezes o exhaure, cristaliza-o em diamantes luminosos e imperecíveis.»

Sabeis que em Fortaleza, a 4 de Março de 1887, começou o Instituto do Ceará, com os nomes aureolados de Paulino Nogueira Borges da Fonseca, Joaquim de Oliveira Catunda, João Batista Perdigão de Oliveira, Dr. Guilherme Studart, Júlio César da Fonseca Filho, Padre João Augusto da Frota, Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos, Antônio Bezerra, Dr. José Sombra, Dr. Virgílio Augusto de Moraes, Dr. Virgílio Brígido e Juvenal Galeno.

Seis jovens conterrâneos em 1891, almas entusiásticas, frementes e ávidas, honraram o Ceará, honraram com a fundação da sociedade «Fênix Caixeiral», destinada ao amparo onímodo da mocidade do Comércio, especialmente quanto à instrução e beneficência, instalando pouco a pouco a sua biblioteca (na atualidade com muito mais de 3.000 volumes), aulas de sua Escola de Comércio e Cooperativa de Crédito: nunca mais deixou de florescer. Que lindo exemplo!

Por volta de 1892, também no Ceará, outro pugilo de sonhadores, dentre os quais o presidente atual da Academia Cearense de Letras, o nosso querido Antônio Sales, deu início à «Padaria Espiritual» que, no dizer de Tristão de Ataíde, «viera sacudir o Ceará intelectual de então e fazer-se falada em todo o Brasil», digo mais Atlântico afora, pelo menos nas terras lusas.

Quinze de Agosto de 1894, a data da fundação da Academia Cearense de Letras.

Não tardou multiplicar-se o movimento cujas raízes verdadeiras remontam à chegada de Gonçalves Dias a Fortaleza em 1859, avolumando as suas correntes a torrente do Nacionalismo.

De Juvenal Galeno, cognominado o Homero cea-

rense, Bérenger ou Mistral brasileiro, e que foi como se sabe um dos fundadores, dos doze do Instituto, escreveu Araripe Junior, em trabalho crítico:—«Ninguém melhor, nem com mais graça, tem pintado os costumes rudes do lavrador, a vida do audaz e atrevido vaqueiro, ou a poética sorte do melancólico pescador; ninguém com mais delicadeza tem chegado a penetrar nos segredos do lar doméstico do pobre, e sabido com tanta destreza acompanhá-lo em suas felicidades ou brinquedos.» O próprio José de Alencar afirma ao glorioso bardo sobre «Cenas Populares»:—«Livro tão original ainda não se escreveu entre nós, e o Ceará deve lisongear-se de ter quem lhe dê na literatura pátria um lugar que não têm outras províncias mais ricas e mais adiantadas em progresso material.» Morreu em 1931 Juvenal Galeno, cuja obra poética, sintetiza o Dr. Otávio Lôbo, «é feita de dois pedaços do Ceará: o martirologio da pobreza e o florilégio da humildade».

—E se lá na campanha, meus filhos,
Minha vida uma bala cortar,
Não esqueçais o Brasil—nesso solo,
Nunca a honra saibais olvidar.

(De JUVENAL)

Hoje, o maior país da cultura latina, o Brasil, crivam-lhe a história «cinco pontos de celebração épica, por serem tão grandiosos como os mais grandiosos da Humanidade». Tal, conforme Afonso Celso, o esforço dos bandeirantes, de cujo ciclo destaque e acentuo o bandeirismo do Norte, dos filhos do Ceará, construtores do Acre, desbravadores da Amazônia. Rio-Branco, Cruzeiro-do-Sul e Sena-Madureira ficaram longe dos centros mais avançados como Manaus, próxima à embocadura do rio Negro, e Iquitos, já no Perú. E' que no recesso de uma natureza minaz, caótica, infernal, dédalo de rios, feras, índios, paúes, e inundações; por ironia das cousas, numa antítese do berço natal o parnara cearense, o filho da terra calcinada, incorporou ao extremo-norte território maior do que o de alguns estados. O pacto de 1903, em Petrópolis, ratificou êsse cometimento heróico,

a odisseia que nossos irmãos escreveram e selaram com seu próprio sangue. Novas Termópilas, ali mais de 300.000 cearenses jazem sepultados nos barrancos, taludes, socalcos, dentro de lóbregas florestas.

De semelhante estalão, os fastos nacionais da guerra holandesa, Palmares, retirada da Laguna, e o trabalho prestado pelo jesuíta durante mais de dous séculos.

Entretanto, como não hei de recordar o feito de 25 de Março de 1884?

Não basta dizer que foi Pedro Pereira da Silva Guimarães, de Aracati, representante do Ceará na Câmara Geral, o primeiro deputado que formulou projeto extinguindo a escravatura, com data de 2 de Agosto de 1850. Naquela metade do século, Acarape, berço da Redenção de 1.º de Janeiro de 1883, era arraial insignificante, cravado na mata. Sem embargo, do Ceará o gesto nobilíssimo que repercutiu nos assomos da Liberdade, e pôs remate glorioso aos legítimos títulos da Civilização nas terras de S.-Cruz.

A nossa História, rápida, sucinta, em paralelo com muitas milenárias, vai dia a dia aumentando, crescendo de períodos. Possamos, no que concerne aos cearenses, que estremecemos este ângulo nordestino do Brasil, ensanchar os domínios da civilização futura, e contribuir para o progresso humano, na ânsia de esvaecer toda cerração do passado.

Não desdiz vosso anelo, Snrs. do Instituto, nem desliza vossa obra, o êxito já em parte conseguido. Bem haja aqui o testemunho de Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, ao acentuar que nunca faltaram entre nós operosas cerebrações «sistemáticas, lógicas, investigadoras na faina das reconstruções científicas ou das descrições fisiográficas do solo natal e das suas tradições longinquas, apuradas ao sol da crítica histórica».

Foi o que colimou o Instituto de 1887, o conhecimento da história e geografia do Ceará, insito à evolução das letras e das ciências, para cujo resultado tem contribuído a sua Revista, seminário de ideas, tesouro dos garimpeiros, faiscadores, minera-

dores de documentos, sendo já escusado mendigar pelos alfarrábios do país, ou pergaminhos estranhos, o *mel inebriante* que nos conforte na concatenação da maior parte de fatos desenrolados neste trecho de nossas algaras, cenário das lides.

Herculano assinalou em seu monumento a Portugal: «Quem se ocupar da história portuguesa, há de sepultar-se nos arquivos públicos e descobrir entre milhares de pergaminhos, frequentemente difíceis de decifrar, aquele que faz ao seu intento: há de indagar nos monumentos estrangeiros onde é que se encontram passagens que ilustrem a história do seu país: há de avivar as inscrições, conhecer os cartórios particulares das categorias, dos municípios e dos mosteiros: há de ser paleógrafo, antiquário, bibliógrafo, tudo.»

Na Revista do Instituto a curiosidade investigadora já encontra o que revelou quiçá o testemunho de arquivos raros. Um escrínio de informações cearenses, onde o antigo ostenta cabedal de novas luzes, e se fincam alicerces para monumento: o grande livro da Pátria.

Vêde, Snrs. do Instituto, os caracteres dominantes, os préstimos e a importância do vosso Sodalício festejado.

Reconciliando espíritos com a época de nossa formação, esclareceis asperezas do nosso início, a obscuridade das crônicas e dos anais, os conhecimentos topográficos, a evolução etnológica, política e religiosa do povo, o fundamento de toda sociedade entre nós. Digno de nação fiel a si mesma, buscar na história o segredo da sua força, inspiração do seu heroísmo, o sentimento de sua unidade, o ritmo do seu futuro.

Não vos exagero o trabalho espiritual num século mais preocupado com as indústrias do que com as belas artes, ciências, letras; mais curioso dos negócios presentes, que enricam, do que com antiguidades, a seu modo de ver, improfficas; sem embargo, entre tantas ocupações materiais circunstantes, o Instituto sábio e patriota vem realizando o movimento civilizador a que aludí.

Prossegureis, tornando impossível a incúria, o

descaso das fontes e origens da História Brasileira, em modo particular da geografia, da história cearenses. O nosso entusiasmo significa aprêço, consideração e estima, que vos tributamos os filhos da gleba de João Capistrano de Abreu, historiador nacional, cujas primeiras letras no sítio nativo, continuadas no «Ateneu Cearense», desenvolveram uma cultura, através de outros estágios, que, opinou Calógeras, «resumia bibliotecas inteiras, a serviço da inteligência mais aguda, mais informada e de maior equilíbrio que tenha existido». «A cultura de Capistrano de Abreu, testemunha Assiz Chateaubriand, era alguma coisa de salomônico. Ele sabia tudo, história, filosofia, direito, poesia, economia política, medicina, sociologia, moral, e os seus conhecimentos de tôdas estas disciplinas não eram noções amalgamadas às pressas, adquiridas pelo prazer de aparentar ideas, mas cultura, cultura no sentido verdadeiro da palavra.»

Sob a presidência perpétua do Exmo. Sr. Barão de Studart, cuja autoridade, conforme Eusébio de Sousa, não pode deixar de ser ouvida em qualquer incerteza da história cearense,—professais e práticos o culto do passado. Vós sois bandeirantes, reveladores de nossas lendas e de nossas glórias; sentís muitas vezes e por isso melhor conheceis o espírito da terra e da sua gente.

O Ceará da expedição de Pero Coelho, tentativa missionária de Francisco Pinto e Luiz Figueira, primeira fundação de Soares Moreno ou capitania independente de Pernambuco, viu a bravura épica de um Titã ou Tristão, admirou o gênio das batalhas em Tibúrcio e Sampaio, além do que, «sempre compareceu ao festival das conquistas cívicas pela pujança da sua intelectualidade». A honra coube-lhe, no país, de ter sido o berço do maior romancista, do maior historiador, do maior jurista, do maior matemático, do maior filósofo, do maior oftalmologista... Incontestável, o calor do Ceará não estanca e o amor do Ceará não morre, a despeito das vicissitudes da terra e do seu martírio.

Srs. do Instituto do Ceará. Nesta Comemoração radiante de meio século de vossa existência, representais os deuses do Panteão de nossa História. Sa-

cerdote católico, rogarei, multipliquem-se as glórias do Brasil com o amor da virtude ilibando as almas, subindo-as a Deus, que há de permitir conserve o nosso Instituto o facho sagrado que recebeu e o transmita ardente, cada vez mais ardente, às mãos dos seus vindouros.

Sessão do dia 3

—A sessão teve por fim especial presidir á inauguração dos retratos dos doze fundadores do Instituto: Paulino Nogueira Borges da Fonseca, Barão de Studart, Pe. João Augusto da Frota, Joaquim de Oliveira Catunda, João Baptista Perdigão de Oliveira, Antonio Augusto de Vasconcellos, Antonio Bezerra de Meneses, Julio Cesar da Fonseca Filho, Juvenal Galeno da Costa e Silva, José Sombra (o primeiro), Virgilio Augusto de Moraes e Virgilio Brigido.—

HUGO VICTOR

Ha dois dias, apenas, me foi, definitivamente, cometida a incumbencia de falar nesta data, que o programa das festas cincoentenarias do Instituto do Ceará reservou á inauguração da Galeria dos socios fundadores e do benemerito.

Estais a ver que não é tarefa para cumprida em 48 horas, e, certo, haveis de convir em como se me deve afigurar terrivel este momento.

Não espereis, portanto, que vos eu trace, de cada um dos «12 apóstolos» do Instituto, senão o enunciado, perfuntorio, esse mesmo, da sua projeção individual.

Mesmo porque, em alentada e valiosa publicação que amanhã será distribuida, Eusebio de Sousa, o incansavel historiador cearense, de Pernambuco, dá-nos ilustradas, sucintas noticias de todos os componentes efetivos, vivos e mortos, desta instituição, dispensando-me, assim, de adições descabidas e incolores.

Cumpro, todavia, um dever, e aqui me tendes.

Começarei pelo benemerito, que é, em 50 anos de vida, o unico do Instituto: Roberto Carneiro de Mendonça.

Mas o que eu vos poderia dizer do já notavel soldado-estadista, justo emulo de Caxias, que vós o não saibais?

Eu sinto, como todo cearense, que, abstraindo em tantos *parti-pris* ainda em rescaldo, o culto do seu nome passará aos nossos filhos, e destes aos seus netos.

Não é tempo, ainda, de a historia se manifestar, sem paixões, muito embora a obra politico-administrativa desse homem aí esteja desafiando os aculeos da critica.

Eu, de mim, vos asseguro que sou insuspeito para assim manifestar-me, e sinto que me honro em fazê-lo, pois fui, sempre, como sou, um dos seus maiores admiradores, sem jamais lhe roubar um minuto de atenção, que é assim como quem diz: dar, sem intuito de receber...

Enquanto houver um cearense justo, o nome do major Roberto Carneiro de Mendonça será pronunciado sem reticencias.

Esse retrato é o complemento do titulo—unico—que lhe outorgou, reconhecido, o Instituto do Ceará.

* * *

Joakim Catunda, Perdigão de Oliveira, Antonio Augusto, Julio Cesar, Antonio Bezerra, Virgilio Brígido, Juvenal Galeno, Virgilio de Moraes, José Sombra, e padre Augusto da Frota! Quantas paginas de oiro para a pena de um poeta! Quanta luz para o pincel de um pintor!

Não sou eu, por certo, que esboce o poema e enriste a palheta.

Mesmo porque não vos poderia falar, por exemplo, de Julio Cesar sem comprimir o coração, avivando á memoria a angustia de uma saudade que

não finda, de uma amizade que me desvaneço em ter sabido cultivar, instruindo-me.

De Juvenal Galeno, cuja obra em prosa, cosubstanciada em «Folhetins de Silvanus», eu já apreciei em despreziosa crítica—de vez que os seus versos já mereceram a dos maiores luminares das letras, daquem e dalem-mar—seria redundancia dizer algo, tão fresca, ainda, se encontra a homenagem que o Brasil pensante lhe tributou á gloria, na transcorrença do centenario do seu nascimento.

Eu tinha por Perdigão de Oliveira, desde a feliz convivencia na redação da *Argus*, tão carinhosa amizade, que me sentiria diminuido em lhe não poder traçar perfil á altura.

Gilberto Camara não me perdoaria, certamente, a audacia de intentar uns traços sem a vida do seu dinamismo operante, á obra de Joakim Catunda.

E que não diria do meu arrojo a prole privilegiada pela Inteligencia, dos Vasconcelos, si eu, porventura, me quisesse dar ao luxo de gisar a figura desse Baudelaire da Prosa, que foi Antonio Augusto?

Dos Virgílios, confesso que, mesmo querendo, não chegaria a repetir senão o que se encontra no Barão de Studart, como o faria com José Sombra—o velho.

Possuo *Notas de viagem e O Ceará e os Cearenses*, para sentir remorsos em dizer de Antonio Bezerra o que só em vasto ensaio poderia fazer, para sua honra.

Do sabio que se recolheu a Guaramiranga, para como, na serra, mais longe dos homens estar mais perto de Deus—o padre Frota, eu já me atrevi a dizer algo, anonimamente, pela imprensa, e ele retrucou, mostrando que eu exagerara. Contudo, eu vos posso afirmar que a sua modestia—imensa modestia—não é, apesar disso, menor do que a sua cultura—imensa cultura.

Na impossibilidade, como vedes, de abranger todo esse conjunto majestoso de illustrações, quis homenagear a todos, homenageando o Instituto na pessoa dos seus três presidentes.

Dos três que, em meio seculo de vida, lhe traçaram as diretrizes, apresentando-o á geração hodierna em todo o esplendor da sua pujança.

Desses homens que dirigiram esta obra respeitavel, obra que, em cincoenta anos de fecunda existencia, ha firmado, através das paginas de sua Revista, dentro e fora do país, do extremo setentrional do Velho Mundo ás regiões platinas do Continente Americano; na Europa, na Africa, na America, na Asia e na Oceania, como bem frisou, ontem, a distinta escritora d. Alba Valdez, o mais honroso conceito da cultura cearense.

Honrando a divisa meio secular: *Dedimus profecto grande patientiae documentum*, o Instituto vem realizando, pelos tempos afora, a obra paciente, mas segura, de mostrar ao resto do Brasil, e aos povos civilizados, que, neste pobre, padecente, mas nobre e indomavel rincão da terra de Santa Cruz, ha um sôpro de vida, um movimento sério de cultura intellectual, tão solida e tão forte como a propria energia do seu povo.

Permiti, por isso, srs., que, dizendo dos três presidentes, eu sintetize, no seu valor e na sua mentalidade, o valor e a mentalidade desse sodalicio, que só é o que é por serem os seus socios o que são.

* * *

Três anos depois que Cruz Abreu, em biografia póstuma, traçou a atividade de Paulino Nogueira, eu, pelas colunas d-«O Nordeste», o grande órgão dirigido pela pena superior de Andrade Furtado, escrevia, em «Paulino Nogueira, o grande historiadore cearense», depois de enumerar-lhe as obras: «... e todos eles vasados em estilo fluente, repletos de eruditos comentarios, analisando os fatos sob o rigor de uma critica circumspecta, descrevendo-os com retilinea consciencia, demonstrando no autor cultura pouco vulgar.

Erudito sem envaidecimento, illustração despida de mesquinhos preconceitos de superioridade; sequioso de novos conhecimentos, poupando, com ava-

reza, o tempo que lhe sobrava, na magistratura, para preenchê-lo com o estudo das letras propriamente ditas, e da historia, Paulino Nogueira realizou para o Ceará, beneditinamente, obra historica de tal monta, que nunca sobre ela o tempo lançará a lousa do olvido.

Tratou-a, certo, sob a influencia do conceito de D. Francisco Manuel de Melo, segundo o qual «o mais honesto fim da historia não é somente delectar com a relação dos sucessos, mas fazer deles lições para os vindouros», não deixando, por isso mesmo, de ter em conta a conceituação complementar de Julien de la Gravier: «A historia não deve ser feita de patriotismo, mas de verdade».

Mantenho, intactas, estas letras, hoje, que mais aprofundado estou na obra do 1.º presidente do Instituto, através de alguns volumes que, aqui e ali, me foi dado deletrear.

Nessa obra, assaz profunda, não obstante entremeada de ressaibos personalisticos, encontram-se patenteados, sob feição analitica, periodos distintos e marcantes do jornalismo e da politica normativa do Segundo Imperio, pelos quais se torna tarefa não extenuante a recomposição do sistema socio-politico-administrativo e economico do velho regime, tombado em 89.

Ha, sobretudo, em muitas das suas paginas, um flagrante vivo da atmosfera reinante no circulo ambiental daquele periodo que vinha plasmando, desde o regresso de D. João VI, a caracteristica do liberalismo projetado ao seculo pela forma tripartida dos poderes constitucionais.

E avultam, numa refulgencia positiva, as lutas faciosas em torno do Poder Central, mostrando-nos os Partidos como satelites gravitando em torno da orbita centralizadora das forças evolutivas da nação.

E' preciso, realmente, perlustrar a obra de homens como Paulino Nogueira, para se conhecer, hoje, a razão que levava José de Alencar a escrever que «os nossos Partidos jamais tiveram principios bem pronunciados... Os nomes serviam de simbolos das duas fações politicas que por muito tempo

dividiram o país», e a apurar a contradita do Visconde de Taunay, de que «os principios invocados nesta citação, não são, senão, os que por antagonismo simpatico constituem os governos chamados mixtos, pelo fato de que liberdade se alia a autoridade». (*O Visconde do Rio Branco*, pag. 46)

Aliás, essas competições partidarias deixaram fundo sulco de egoismo para não ocultarem, ao historiador postero, a verdade, hoje indiscutivel, frisada por Vicente Licinio Cardoso (*A margem da História do Brasil*, pag. 127): «As dominações dos partidos tornam-se, em verdade, palavras vazias de sentido. Não sentiu isso Joaquim Nabuco. Viram, porem, o fenomeno, lucidamente exposto, Euclides da Cunha e Gilberto Amado. E, como se não bastasse o atestado publico da confusão dos partidos, reformas liberais são levadas a efeito por conservadores, e reações conservadoras por liberais».

Daí, a asserção, algo paradoxal, do Visconde de Albuquerque, lembrada por Pedro Calmon (*História da Civilização Brasileira*, pag. 260), segundo a qual «não ha coisa mais parecida com um *luzia* do que um *saquarema*».

Essas marchas e contra-marchas politicas vinham refletir, diretamente, no acanhado ambito da Provincia, como se infere de conciso e notavel discurso pronunciado na Assembléa Legislativa pelo douto e circunspecto varão, que é o dr. Paula Rodrigues, traçando a historia das fações provincianas.

E Paulino Nogueira foca admiravelmente a esgrima politica em trabalhos de folego como *Eleições senatoriais do Ceará* e *Presidentes do Ceará*.

Mas não estará nisso a razão de ser do milagre da solidariedade dos homens publicos do Segundo Reinado á causa suprema do Brasil, país «que pede homens e não sombras, energias e não acomodações», como gizava Pandiá Calogeras em *Problemas de Administração?*

Porque, srs., é preciso o convencimento de um milagre para se acreditar que, desses entrechoques de competições, aliás, ainda hoje em voga na politica, e quiçá mais rudes! não resultasse o esfacelamento da unidade patria.

Uma face, porem, que nunca pode esquecida na vida militante de Paulino Nogueira, é a que caracteriza a sua inverticalidade na defesa e na firmeza do seu ponto de vista de convicção religiosa.

O ensaista macauleano, na tribuna, na imprensa ou no livro, nunca deixou sem replica o desafio contra as suas crenças.

E' que, parodiando Georges Maze-Sencier (*Les vies nécessaires*, pag. 317), «leur âme inquiète et troublée s'était élevée jusqu'à Dieu lui demandant appui et secours, et ne cessait ensuite de demeurer fidèle à l'idéal supérieur et divin qu'elle avait entrevu».

E esse ideal superior lhe infundia novos alentos para a luta, retemperando-lhe os sentimentos.

Tem, pois, razão Francisco Lazcano (rev. *Columbia*, n. 8, pag. 59) quando diz que «toda luz del espíritu que germina en las ideas, se inmortaliza, dándole aliento de eternidad a los pensamientos que fecunda, haciéndolos como flancos inmovibles de montaña, empollarán las águilas luminosas de la conciencia, que hendirán, en su volar de vertigo, entre las crestas escarpadas y libérrimas, el sonoro vientre de las armonías infinitas.»

Eis o primeiro presidente do Instituto.

* * *

O peregrino talento de José Sombra—o moço—, tão tragicamente roubado á vida, em *A figura de um pensador* (Rev. do Instituto, t. esp., 1929), traçou, magistralmente, numa sintese analitica de rara felicidade, o perfil mental de Tomaz Pompeu: «Na propria ciencia apreciava menos o valor interpretativo dos fenomenos do que o seu interesse pragmatico, como condição pratica do progresso humano. Perante as grandes sinteses scientificas e os problemas da *perennis philosophia*, mantinha uma attitude de agnostico, senão de cético».

Não podia deixar de ser assim.

Cedo, abeberou-se o seu espirito sedento de

luz e impulsionado pelo dinamismo formidável da intelligencia, na fonte filosofica empolgante, da epoca, deixando-se envolver no movimento kantiano, «mais laborioso do que fecundo», na assertiva de D. Ludgero Jaspers, e vai, assim, do panteismo idealista de Fichte, Schelling e Hegel á teoria das investigações de carater positivo de Vogt, Buechner e Moleschott, e do novi-kantismo a perfilhar o aforismo blasfemo do filosofo de Montpellier, aceitando o dogmatismo da sentença tremenda de desterrar do globo o Creador, ordenando á Ciencia que *reconduzisse Deus até ás fronteiras da natureza, agradecendo-lhe os seus serviços provisórios.*

Entendia, como Hegel, que a intelligencia é capaz de fabricar um universo.

E vai daí, seguindo as pegadas do comtismo, rapalmilhadas por Littré e Taine, o não perceber que ficando para traz, no tempo, iam, luminosos, á vanguarda, os rastos de Santo Tomaz, projetando para o futuro, as marcas de Descartes e Pascal, de Balmes, Régnon Mandonnet, Grahanann, von Hertling e Jacques Maritain, sem dar ouvidos á razão, que não cessa de proclamar: «As idéas de Deus, de alma, de criação, de immortalidade, as noções de moral, as verdades matematicas, as noções elementares e universais das coisas não se deixam triturar nos laboratorios quimicos; e a materia, levada á quinta essencia, fica sempre materia».

A concepção creadora da vida pela ontogenese e a embriologia de Haeckel, ou pela constituição dos atomos de Letourneau, já teve o seu *De profundis*, rezado, sem angustias, por Bouchut, que, para cumulo de ironia, epigrafa *La vie et ses attributs* com os versos de Gérard de Nerval:

Espère enfin, mon âme, espère;
Du doute brise le réseau;
Non, ce globe n'est pas ton père;
Le nid n'a pas créé l'oiseau.

O comtismo teve, de logo, ao enunciar-se, a replica da Escola Inglesa, e hoje estertora, raivoso, por não haver a ciencia andado ainda uma polega-

da, sequer, no reconduzir Deus ás fronteiras da natureza...

Flores se espargem pelas tumbas do principio da *Idéa*, de Herbart e Krause, e da *Lei da Vontade*, de Schopenhauer.

O evolucionismo materialista dos Luys, dos Sie-rebois, dos Buechner, não resistiu aos embates com o espiritualismo dos P. Janet, dos Lemoine, dos Saisset.

Cunha Seixas reduziu o anti-metafisismo de Ribot ás suas justas proporções.

E' que — obtempera o sabio luso: «Nem tudo pertence á experiencia.» E conclue: «A geometria de certo seria uma ciencia impossivel se partissemos da experiencia, porque na natureza não ha circulos nem triangulos, nem linhas paralelas, nem outros elementos ideais e perfeitos. E não obstante, nós confiamos plenamente nas teorias de Euclides».

Não se apercebeu o grande vulto da intellectualidade cearense que Renan, na orgia do seu filosofismo crepuscular, não se pejava de gritar aos neofitos: «Mes chers enfants, c'est inutile de se donner tant de mal à la tête pour n'arriver qu'à changer d'erreur. Amusez-vous, puisque vous avez vingt ans!»

E Tomaz Pompeu tinha vinte anos!

Os anos e as vicissitudes da vida foram limando as arestas do impulsivismo do jornalista combatente, anti-sobrenaturalista da *Fraternidade*, e, se não chegou á Verdade, como Brunetière, «por longos e lentos circuitos», como no-lo demonstra Lecigne, em *Du Dilettantisme à l'Action*, teve, pelo menos, a dita de verificar que Renan tinha razão quando aconselhava os moços a se divertirem, em vez de tanto quebrar a cabeça para, afinal, conseguirem apenas mudar de erro...

Às tertulias com Rocha Lima, Araripe Junior, Xilderico de Farias, João Lopes, França Leite e outros da pleiade do comtismo autoctone, predominava a enfatica presunção de adolescentes que, (similés do grupo que com Hipolite Taine, Prevost-Paradol, Ed. About, Sarcey, J. J. Weiss e Fustel de Cou-

langes, revolucionou a Escola Normal de Paris) entendia «datar da sua entrada no mundo toda ciencia e toda filosofia», mas, ao transpor o vertice da vida, rompendo com os preconceitos do *snobismo* coevo, levava o chefe a proclamar sem reбуços: «Aujourd'hui, après dix-huit siècles, le Christianisme est encore pour 400 millions de natures humaines l'organe spirituel, la grande paire d'ailes indispensables pour soulever l'homme au-dessus de lui-même. Sans lui, la société devient un coupe-gorge et un mauvais lien. Il n'y a que lui pour nous retenir sur notre pente fatale... et le vieil Évangile, quelle que soit son enveloppe présente, est encore aujourd'hui le meilleur auxiliaire de l'instinct social».

O ceticismo renaniano não resistiu ao clima sazonal do fruto idealístico, na curva indeclinável da transição biológica, e, como fatalmente acontece, o espirito de escol, no suplicio de Tântalo dos acicates da duvida, cedia á evidencia do imperativo animico, apontando aos refratarios o *nosce te ipsum* da realidade objetiva.

E Tomaz Pompeu, na mesma quadra em que Farias Brito lhe gizava o perfil, acentuava em discurso na Academia Cearense: «Quem nos assegura que a investigação filosofica ou científica, á procura da verdade por entre um dedalo de duvidas, qual atmosfera espessa que desvia da reta os raios desse sol, não é senão a troca de uma ignorancia por outra ignorancia, «an exchange of ignorance for that which is another kind of ignorance», no dizer sutil de Manfredo, em Byron»?

E mais tarde, ao agradecer as manifestações promovidas por ocasião do seu jubileu literario, tinha estas palavras, que bem definem a desilusão dos sentidos: «... quantos param no caminho para filosofar sobre a contingencia das cousas humanas, ou preparar o animo para suportar as vicissitudes da sorte e desfolhar sobre a lápide dos anos mortos as flores fanadas de suas energias»?

Perfilho a conceituação de José Sombra: «Faltou a Tomaz Pompeu isso que Benedetto Croce chamou, com incisiva propriedade, a *conciencia do universal* e que eleva o espirito ás grandes altitudes fi-

losóficas», ou seja como ainda ha três anos escrevia de Darmstadt, para *La Prensa*, de Buenos Aires, o Conde de Keyserling—a incompreensão, pelo universalismo das ultimas decadas, de que «lo universal no es precisamente lo general» e «no existe humanidad más que en el plano espiritual».

Embora, porem, devasasse, já, o terreno da Verdade, pisando solo firme, não teve a grande coragem, precisa nos momentos decisivos, de se desvencilhar das cadeias já quasi rôtas, do pragmatismo obsoleto, e confessar como Paulo Bourget: «J'étais guéri».

Frisante desse estado d'alma é, por sem duvida, aquela passagem entre o nosso Anatole e o grande orador sacro padre Julio Maria, de ao tempo em que o João Crisostomo do pulpito moderno do Brasil prê-gava na catedral fortalexiense.

Tomaz Pompeu não perdia prédica, e, certo dia, após uma das mais arrebatadoras orações do consagrado tribuno catolico, em que, de par com a demostenidade da eloquencia ia a robustez das assertivas probantes dos postulados agostinianos, o illustre mestre do *Jus*, em palestra com o mestre da *oratio*, confessou, com a sinceridade peculiar ao seu carater:

—Padre, estou impressionado. Pode crer que sou da Igreja até aqui—e apontava o pescoço—inclusive o coração, mas a cabeça, essa, não ha jeito de fazê-la entrar...

Dele pode-se dizer, como lembra Agripino Grieco em *Estrangeiros*, o que de Goethe dizia Lavater: «Um genio a que não falta coração».

Porque tinha um coração de criança no peito de um gigante do pensamento.

Gigante, digo bem, servido por uma illustração enciclopedica de verdade, mui diversa de umas tantas que por aí se jatan de concretas, e não passam de superficialidades amorfas...

Jornalista, professor, cultor do Direito, administrador, politico, parlamentar, Tomaz Pompeu de Sousa Brasil honrou e enalteceu todos os postos das provincias dos conhecimentos humanos, mas é sobretudo nas lides do Parlamento que se pode admi-

rar uma das feições mais cintilantes da sua potencialidade mental.

Na Camara Baixa do Imperio, onde, apesar de ser o «benjamim», se ombreava com José Bonifacio, Lafayette Pereira, Martinho de Campos, Afonso Celso, Martim Francisco, Candido Oliveira e Rui, para não ir alem de veros luminares, o jovem licurgo liberal, secretario, e, por vezes, presidente eventual daquela Casa do Congresso, não se perdia, nos trabalhos legislativos, em discussões estereis e anódinas. Sempre que ocupava a tribuna era para defender, embasado em cultura firme e solida, problemas de alto interesse coletivo, sem o pedantismo, tão da epoca, de se dar mais apreço á eloquencia tribunesca do que ao sentido real dos problemas nacionais.

E' assim que, enquanto os seus pares se deixavam empolgar por devaneios oratorios que visavam apenas a demonstrar assomos de estilistica, coruscações de retorica, em lantejoulamentos de antiteses, perifrases, hiperboles, litotes e asteismos, o deputado cearense—a quem Joaquim Nabuco se refere com encomios merecidos—penetrava, fundo, a objetividade das coisas para melhor servir á sua terra e ao seu país.

Exemplo magnifico repousa nos *Anais* do Parlamento, ao focalizar Tomaz Pompeu o problema da Agricultura, problema sobre o qual em *Raizes do Brasil*, livro do ano passado, Sergio Buarque de Holanda fala com tanta expressão em dois capitulos sobre o «Passado agrario».

Já então antevia a supremacia desse fator-riqueza na economia do país, e expunha-o ao vivo, defendendo aquele ponto de vista que o grande estadista, reformador da Italia, Benito Mussolini, giza, na sua recente e robusta obra *Aspectos da crise mundial*, quando acentua, com a sua percepção de iluminado, que «a agricultura continua sendo a base de quase todos os sistemas nacionais economicos e que a riqueza intrinseca da maioria dos países ainda reside nos seus campos e florestas».

Os genios são assim.

Descortinam o futuro das coisas com a precisão dos fatos concretos, e anunciam verdades que são tidas como precipitadas.

Na seleta bibliografia de Tomaz Pompeu todas as paginas são de relevo.

Toda a sua obra é um manancial vitalizante, e dentre ella, esse livro monumental, que é *O Ceará no começo do Seculo XX*, pode figurar em qualquer ambiente cultural, como prova de luz do humano engenho.

Eis o segundo presidente do Instituto.

* * *

O terceiro...

Meus senhores. Ha nomes que se não declinam sem um estremecimento de justa comoção, e que resumen todas as enciclopedias.

O terceiro presidente do Instituto, e o actual. é o dr. Barão de Studart.

Sessão do dia 4

DJACIR MENESES

—Foi orador official da solennidade o socio effectivo Sr. Djacir Meneses, que principiou por accentuar a significação cultural da data que se celebrava. Em terra onde as iniciativas se asphyxiam pela conspiração permanente do silencio e da má vontade, aquella data era soberanamente eloquente.

Um dos que assistiram á fundação do illustre gremio de homens de letras e sciencias, havia meio seculo, estava ali, como gloria viva do Ceará mental, a personalidade extraordinaria do Sr. Barão de Studart. Que adiantaria discorrer sobre o vulto eminente que todo o Brasil admira?

Recorda as palavras elogiosas que, havia pouco, ouvira do Sr. Basilio de Magalhães, acêrca do Instituto, em juizo que era roborado por Fleiuss, Affonso Celso, Rodolpho Garcia e tantos outros, nomes todos nacionaes.

A obra do Instituto do Ceará, os cinquenta tomos da sua revista, é um monumento imperecível. Ficará attestando o trabalho, o valor e abnegação desses lutadores obscuros que construíram no silencio o que havia de ficar: a restauração do passado pelo seu culto, no afã de dissipar enganos e fazer luz sôbre trechos ensombrados da sua historia. Esse trabalho de analyse é menosprezado pelos homers de meia sciencia, pelos apressados de generalizações faceis. Mas o verdadeiro sociologo tem de attender os factos e delles inferir as leis. Não há sciencia sem observação systematica de factos. A analyse cuidadosa permite a synthese correlata.

Hoje, que a concepção da historia se modificou muito, essas verdades methodologicas são ainda fundamentaes. Se o subjectivismo parece empannar isso, pretendendo erigir ponto de partida em conceitos *a priori*, é apenas um engano momentaneo. Reflecte condições sociaes em que se encontravam certos pensadores. A sciencia, objectiva, tem de partir do objectivo. As leis traduzem relações reaes, e no real são pesquisadas.

Citou Spengler, Grabner e outros autores, estendendo-se em considerações varias.

Concluiu apresentando felicitações ao Instituto, representado pela figura impar do Exmo. Sr. Barão de Studart.—

* * *

Encerrando a sessão, na qual fôra eleito socio benemerito, o Exmo. Sr. Dr. Meneses Pimentel, em breves palavras, agradeceu a homenagem que se lhe fizera, e congratulou-se com o Instituto e com o Ceará, pela passagem de tão expressiva data.

Na Assembléa Legislativa

DARIO CORREIA LIMA

O Sr. Presidente.—Srs. Deputados, amanhã, sendo feriado, pela lei 236, de 10 de Dezembro de 1936, em homenagem ao Instituto do Ceará, esta Presidencia tomou a deliberação de pedir ao Sr. deputado Dario Correia Lima para, em nome desta Assembléa, fazer uma rememoração da fundação daquelle Instituto, que é, pode-se dizer, sem favor, o Augusto santuario de nossas tradições e a sentinella avançada de nossa nacionalidade.

Nestas condições, tem a palavra o Sr. Dario Correia Lima.

O SR. DARIO CORREIA LIMA.—Em 1887, floreciam no país homens eminentes.

Eram a expressão radiante de uma intellectualidade luminosa, mas incomprehendida do meio, de todo indifferente e sem o espirito de tradição cultural.

O conhecimento espargido não emergia do ambiente: tinha o espirito e a forma de uma civilização exterior.

Todavia já desprendida da hereditariedade retorica dos classicos latinos, que haviam sido tão bem assimilados através da metropole portuguesa, a mentalidade daquelles homens, infiltrada de uma civilização universal de sabios e de artistas, começava a derivar da predilecção litteraria para o gosto das investigações positivas, que demorava entre as directrices do seculo.

Erradicados do solo patrio na direcção desse universalismo cultural, sentiam agora na vida interior o prazer das investigações scientificas. Mas, destacando-se da ideia de conjuncto, que lhes dava uma visão panoramica e universalista, percebiam o desconhecimento do solo nacional, dos homens e das coisas do Brasil.

Despertava-se-lhes o sentido da brasilidade no campo de suas vibrações culturaes, assim evolvido de

um espirito nativista, que habitou o Brasil colonial, para as realizadoras manifestações de um espirito nacional, àquelle tempo cinto por um todo harmonioso de ideias e de sentimentos communs, já por tal sorte amalgamados, que nos haviam dado, com a emancipação politica, a affirmação da nossa individualidade no concerto das nações.

E' que o cerebro reage ao contacto das circumstancias que o rodeiam, a reflecti-las na esthesia de suas manifestações artisticas, no conceito de sua philosophia ou de sua religião, nas directrizes de sua moral ou de sua politica, do mesmo passo por que as condensa na formação estructural da sciencia.

Forças circumdantes, estranhas e acima da vontade dos individuos, por esse modo lhes vão traçando as curvas do destino e imprimindo rumo á evolução historico-cultural dos povos.

Aquelles homens, Sr. Presidente, reflectindo a expressão mais alta da cultura de sua epocha, surdiam no momento historico em que o Brasil, possuido da affirmação politica de si mesmo e capacitado de sua individualidade, lhes apparecia no angulo visual dos conhecimentos como provocante e tentadora interrogação.

Era isso a vibração do espirito nacional, gizando uma nova tendencia no ciclo intellectual da evolução brasileira,—a tendencia para a nacionalização cultural do Brasil.

Eis aí está por que, mui naturalmente, a 4 de Março daquelle anno, algumas figuras de expressivo relevo entre nós, reunidas em um dos salões da Bibliotheca Publica do Estado, lavraram a seguinte acta, que incorporo a esta despretensiosa oração, juntando-a aos annaes da Casa, em homenagem ao patriotismo dos illustres varões que a subscrevem:

«Aos quatro dias do mês de Março de mil oitocentos e oitenta e sete, em um dos salões da Bibliotheca Publica desta capital, presentes o Dr. Paulino Nogueira, Joaquim Catunda, João Perdigão, Dr. Guilherme Studart, Julio Cesar, Dr. padre Frota, Dr. Antonio Augusto, Antonio Bezerra,

resolveram fundar uma sociedade sob o título—INSTITUTO DO CEARÁ—, com o fim de fazer conhecida a historia e a geographia da Provincia e de concorrer para a propagação das letras e sciencias na Provincia. Declarando nesta occasião alguns dos socios presentes que adheriam ao pensamento da sociedade e queriam tomar parte nella o Dr. Sombra, Dr. Virgilio de Moraes e Juvenal Galeno, foram estes considerados como socios effectivos.—Em seguida, foram aclamados e unanimemente acceitos: presidente, Dr. Paulino Nogueira, vice-presidente, Dr. Frota, 1.º secretario, J. Catunda, 2.º secretario, João Perdigão, thesoureiro, Dr. Sombra, orador, Julio Cesar Filho. O presidente encarregou de organizar os Estatutos a uma commissão composta dos socios: J. Catunda, Dr. Virgilio e Julio Cesar Filho. E nada mais havendo a tratar, designou o presidente a proxima quinta-feira para a segunda reunião e levantou a sessão.»

Estava assim fundado o INSTITUTO DO CEARÁ com o fim de fazer conhecida a historia e a geographia da Provincia e concorrer para a propagação, em seu territorio, das nossas letras e sciencias.

«Outro qualquer fôsse o meio, onde houvesse mais gosto pelo cultivo da historia patria, mais estimulo mesmo para os que fazem excepção á regra dos indifferentes»—diz com muita precisão EUSEBIO DE SOUSA, na obra que lança em commemoração ao cinquentenario do Instituto—«sem duvida, não persistiria ella em esquecimento tão injustificavel. Certo, hosannas seriam entoadas aos esforçados batalhadores, que neste meio seculo de mourejamento continuo e sem treguas, numa cruzada louvabilissima, têm sabido vencer grandes difficuldades, cooperando para os bons creditos de tão benemerita associação.»

Eram ainda os signatarios daquella acta vanguardeiros do incoercivel sentido da brasilidade, nas manifestações da nova tendencia intellectual, garimpando uma concepção brasileira do Brasil, já agora dominante na evolução cultural de suas *élites*.

Por isso mesmo, sem ter sido nesse passo a resultante de uma continuidade historica, o Instituto ficou isolado e incomprehendido, dentro na indifferença do meio.

Vencendo toda essa apathia, graças á dedicação sobretudo de seu grande presidente—o veneravel Sr. Dr. GUILHERME STUDART—, tem sido meritoria e extensa a obra do Instituto.

Sua revista, nestes cinquenta annos de existencia, há soprado a pátina do tempo de sobre documentos e factos de remarcado interêsse regional e politico.

Assumptos outros, de palpitante actualidade, estuam por entre esse meio seculo de um viver laborioso, a evidenciar-vos a tortura da libertação intellectual de uma raça, que, batida pelo calor dos tropicos, onde tudo é temporão, se sente ardentemente fustigada pelo desejo de emancipação espirital.

Votando a lei n.º 100, de 15 de Maio de 1936, esta Assembléa reconheceu no Instituto o character de «sociedade de utilidade publica».

Com a lei n.º 236, de 10 de Dezembro do mesmo anno, auctorizou a abertura de um credito especial de quinze contos, a que o Governo deu execução, destinado ao custeio de um Congresso Regional de Historia e Geographia e de outras despesas em commemoração ao transcurso do quinquentenario dessa proveitosa associação.

Foi a maior subvenção official concedida ao Instituto, até a presente data.

Relembro-a para frisar nesse nosso gesto, não a pratica de um reconhecido acto de justiça e de innegavel interêsse collectivo, mas um indice de que a indifferença ambiente está sendo, pouco a pouco, modificada.

Evidentemente, já não nos satisfaz a escola technica superior, o aprendizado superficial e mercantil das chamadas «sciencias profissionaes». E, á falta de um recanto official que nos dê a systematização dos conhecimentos, quase sem o sentir, volve-mos as nossas sympathias para esses lugares reman-

sosos a que, no lavor da cultura indigena, se recolhe a iniciativa particular.

Com estas palavras, Sr. Presidente, tenho por justificado o requerimento, que me honro de formular á Casa, por lembrança de V. Excia., no sentido de ser lançada na acta dos trabalhos de hoje a expressão do nosso mais alto apreço, assim pela memoria dos que, socios do Instituto, se foram desta vida, deixando-nos em seus trabalhos pesquisas meritorias, como da nossa mais alta admiração por essa obra de nacionalização cultural, que ali se continua, trabalhada pela persistencia e talento dos socios actuaes, cujo valor e pugnacidade bem attestam as características do povo cearense!

Por decorrencia desse requerimento, formulado em homenagem ao Instituto, no transcurso de seus cinquenta annos de existencia, que amanhã se commemora, concluo solicitando que esta Assembléa se represente na solennidade, por uma commissão de cinco deputados. (Muito bem! muito bem!)

O Sr. Presidente. — A Mesa agradece ao Sr. deputado Dario Correia Lima o desempenho que deu á incumbencia da Casa e consulta aos Srs. Deputados se approvam o requerimento formulado pelo mesmo.

Os Srs. que o approvam queiram ficar sentados. (Pausa)

Approvado.

Nomeio os Srs. deputados Dario Correia Lima, Paulo Sarasate, George Pequeno e Gomes de Freitas.

